

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 121 — nº 2.095 — OUTUBRO 2003 — R\$ 4,00

Kardec — O Educador

Só a Educação poderá reformar o homem



ISSN 1413 - 1749
9 771 413 1740 08

Nesta Edição:

Educação

Homenagem a Allan Kardec

Agonias da Terra, premissas do Céu!...



LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 121 / Outubro, 2003 / Nº 2.095



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conj. F (SGAN)
70830-030 – Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	US\$ 35,00
Simples	US\$ 45,00
Aérea	

Diretor – Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor – Altivo Ferreira; Redatores – Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretário – Iaponan Albuquerque da Silva; Gerente – Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 – I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17
20941-040 – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil
Tel.: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Alessandro Figueredo

Tema da Capa: Homenagem a Kardec, em sua dupla missão de Educador: Emérito professor e autor de obras pedagógicas, e Codificador do Espiritismo.

EDITORIAL	4
Kardec e a educação	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	15
No reino das borboletas – <i>Irmão X</i>	
ENTREVISTA: JOÃO DE JESUS MOUTINHO	19
Dirigente fala sobre os primórdios do Movimento Espírita e da FEB em Brasília	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
Ricamente – <i>Emmanuel</i>	
A FEB E O ESPERANTO	25
Fortaleçamos o Movimento Esperantista organizado – <i>Afonso Soares</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	36
Intervenção da Ciência no Espiritismo – <i>Allan Kardec</i>	
SEARA ESPÍRITA	42
Educação – <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Lei de amor – <i>Narcisa Amália</i>	7
Homenagem a Allan Kardec – <i>Vianna de Carvalho</i>	8
Lições de falar – <i>Passos Lírio</i>	10
Um dia – <i>Isabel de Castro</i>	11
Pena de morte resolve? – <i>Marcelo Paes Barreto</i>	12
Agonias da Terra, premissas do Céu!... – <i>Rogério Coelho</i>	16
Caminhando e aprendendo – <i>Daltro Rigueira Vianna</i>	18
Doutrinar e transformar – <i>Emmanuel</i>	20
Dois séculos, duas projeções – <i>Kleber Halfeld</i>	22
Reencarnação: Processo universal de aplicação da Justiça Divina – <i>Jorge Hessen</i>	26
Esquecimento do passado – <i>Inaldo Lacerda Lima</i>	28
Boa vontade – <i>Meimei</i>	29
Passe – Em reuniões públicas é ele obrigatório? – <i>Gebaldo José de Sousa</i>	30
Todos os homens têm fome – <i>Conceição Almeida</i>	32
Retorno à Pátria Espiritual – <i>Ana Fuentes de Cardona</i>	33
Referência passo a passo – I – O livro por inteiro – <i>Geraldo Campetti Sobrinho</i>	34
Assembléia Geral Extraordinária – <i>Aviso aos Sócios Efetivos da FEB</i>	35
O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso – Parte III (final) – <i>Silvio Seno Chibeni</i>	39



Editorial

Kardec e a educação

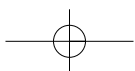
Tratando de assunto voltado à melhoria social do homem, em nota ao final do cap. III, da Parte 3ª, de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec aborda a questão da educação moral, com a experiência de quem já havia devotado longos anos a serviço da instrução popular, inclusive gratuita:

“(...) Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que *incute hábitos*, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*.”

Mais à frente, como que antevendo o agravamento dos problemas sociais da Humanidade, provocado pela ausência de uma ação educacional com característica moral e espiritual, observa:

“(...) Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de *ordem e de previdência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.”

Com estas observações tão claras e objetivas do Codificador, não resta dúvida de que o ponto fulcral da tarefa do Movimento Espírita é o de difundir a Doutrina Espírita, colocando em prática a caridade plena no que ela tem de mais significativo, que é o de promover, com prioridade, o trabalho de educação moral e espiritual do homem.





Educação

Juvanir Borges de Souza

Dentro dos diversos significados da palavra *educação*, tomaremos o termo no seu sentido lato, extensivo, e não no sentido estrito de *instrução escolar*, como é usualmente tomado no seio das sociedades.

No esforço e no efeito de educar(-se) o Espírito, encontramos todos os processos de desenvolvimento intelectual e moral do Ser, para sua evolução e integração individual e social.

Apesar do inegável progresso alcançado pelos homens no campo científico e tecnológico, a Humanidade depara-se com inúmeros problemas, que se agravam com o próprio crescimento da população mundial: as guerras, os conflitos, a violência individual e coletiva, a miséria e a pobreza, a corrupção moral, a insatisfação com as organizações sociais, a degeneração do meio ambiente.

Tentativas diversas têm sido oferecidas para a solução desses graves problemas: emprego de forças militares; união de nações para a imposição de normas; criação de leis especiais, nacionais e internacionais; surgimento de regimes políticos e sociais de diferentes tendências.

Todos esses ensaios e soluções propostas têm fracassado, como

comprova a situação do mundo no início do terceiro milênio da Era Cristã.

Tudo indica que, com o agravamento das dificuldades, a população terrena chega ao fim de um período evolutivo que reclama soluções bem diferentes dos tentames anteriores.

Acreditamos que, para iniciar a era regeneradora da Humanidade, há necessidade de implantar-se a educação integral de cada indivíduo, de todas as sociedades humanas em todas as latitudes.

O norteamento para a educação moral do ser humano já se encontra no mundo, desde a vinda do Cristo, há 2.000 anos.

Sua Mensagem, aclarada e complementada pelo Consolador por Ele prometido e enviado à Humanidade, nos meados do século XIX, é o grande pedestal sobre o qual se há de construir a regeneração humana.

...

Chegou o tempo de se aclararem muitas coisas.

Agora, depois de tantos desvios no entendimento do Evangelho de Jesus, após tanto progresso no campo material da vida no Planeta, cumpre aos homens o reencontro com os ensinamentos do Mestre, ouvindo o Espírito da Verdade e os Espíritos Superiores.

Na Nova Revelação encontram-se as regras e normas para a

reeducação de cada indivíduo. É o Cristo de volta retificando os caminhos seguidos pelos homens, por falso entendimento de seus ensinamentos.

As religiões e as ciências, na busca da Verdade, independentemente do criticismo que adotam seus representantes, têm condições de aceitar o raciocínio superior e o sentimento elevado do Amor, para reconduzi-las ao caminho certo.

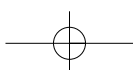
A missão do Cristianismo e das religiões orientais não era a de aliarem-se aos governantes e às forças políticas, desviando-se da obra educacional de significação espiritual tão importante para os homens.

O que ocorreu com o Cristianismo, a partir da aliança de seus líderes com o Imperador Constantino, nos princípios do século IV, foi lastimável desvio.

Em troca do poder temporal perdeu sua força educacional na transformação de cada indivíduo, característica essencial que se encontra nos ensinamentos do Mestre Jesus.

O triste resultado da aliança foi o enveredamento do Cristianismo nos ínvios caminhos dos interesses transitórios do mundo, perdendo suas características divinas de força educacional capaz de transformar, para melhor, cada seguidor sincero.

A partir de 325, formalizada a aliança ilusória com o poder temporal, foram sendo esquecidos ou deturpados os ensinamentos do Cristo, instituindo-se em seu lugar os dog-





mas humanos, as castas sacerdotais, os cultos exteriores, os templos luxuosos.

De concílio a concílio, na sucessão dos séculos, a Igreja Romana afastou-se cada vez mais da Mensagem primitiva do Cristo.

As impróprias interpretações humanas dos ensinamentos cristãos, preocupadas em impor pontos de vista em vez de convencer pelo raciocínio e pelos sentimentos do Amor, levaram o dogmatismo a perseguir em lugar de educar, à violência substituindo a perquirição e o convencimento, às guerras religiosas, à Inquisição, às Cruzadas, à divisão dos cristãos e a todos os males hoje reconhecidos pelo próprio chefe da Igreja Romana.

A realidade em que se encontra a Humanidade, sob a influência das religiões antigas e tradicionais, tem preocupado pensadores, filósofos, estudiosos de todas as tendências.

Há, no mundo, uma idéia geral de que a Humanidade se encontra em um ciclo evolutivo que tende a findar-se.

A Espiritualidade Superior já se referiu ao fim de um longo período de um mundo atrasado, com possibilidades de sua transformação em mundo regenerado, no qual a tendência da maior parte da população será para a vivência do Bem e não do mal.

De outro lado, não resta dúvida de que o Consolador prometido por Jesus já se encontra entre os homens, desde meados do século XIX.

O Consolador, a Doutrina dos Espíritos, é enviado ao mundo justamente na época em que o materialismo se mostrou mais influente e arrogante.

O materialismo histórico-dialético de Karl Marx e Engels, iniciado com o *Manifesto Comunista* de 1848, com vastas conseqüências sociais e políticas em todo século XX, ao lado do Positivismo de Augusto Comte, negação absurda de toda realidade espiritual, para caracterizar o cientificismo do pensamento materialista como o condutor do progresso humano, dão ao “século das luzes” um característico de domínio nitidamente materialista das idéias filosóficas.

Agravando a influência materialista no mundo ocidental, reaparece o Utilitarismo de Bentham e Stuart Mill, reavivando antiga escola grega do materialismo, que coloca o *prazer* individual como o fundamento das ações humanas.

Piorando a influência perniciosa do materialismo no mundo, as religiões tradicionais, impotentes para se oporem às filosofias negativas, agravam a situação, com a infeliz decretação da infabilidade papal, com Pio IX, em 1870.

Pois é nesse período, de inegável influência do materialismo multifário e de preceitos dogmáticos das Igrejas que se denominam cristãs, que vem ao mundo o Consolador prometido.

É o Cristo de volta, sob nova forma, para repor a Verdade, esquecida ou deturpada.

É o Espírito da Verdade, com a plêiade de Espíritos Superiores incumbidos de restabelecer os ensinamentos do Mestre Incomparável e ampliá-los com novas revelações.

Para estabelecer a ligação entre a Espiritualidade Superior e o mundo das formas, reencarna o missionário incumbido de sintetizar e sistematizar a novel doutrina.

Em 1804, nasce em Lyon, França, o missionário da Terceira Revelação – Allan Kardec – e diversos intermediários entre os dois planos de vida, a serviço da grande Causa.

Aos cinquenta anos de idade, em 1854, inicia o missionário suas observações, estudos e conclusões sobre a vasta fenomenologia produzida pelos Espíritos em diversos pontos do Planeta.

Durante todo o período inicial de sua vida preparou-se o Codificador para a difícil missão, dedicando-se à educação dos jovens desde a adolescência. Mestre, professor, educador, experimentador, escritor, com um estilo em que sobressaem a clareza e a perfeição da linguagem, todas essas qualidades estão refletidas nas obras que escreveu no período de 1857 a 1868, a “obra de sua vida”, como ele mesmo a denominou, que constitui a Doutrina dos Espíritos.

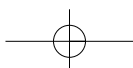
Essa é a base fundamental do Espiritismo, a Doutrina Espírita.

Nela, os continuadores do Cristo revivem o Evangelho, reafirmando as Verdades já conhecidas e desvendando os mistérios da vida que a inteligência humana já está em condições de compreender.

É, ao mesmo tempo, o roteiro e a prática para um vasto programa de educação e reeducação para toda a Humanidade.

Opõe-se a todas as formas de materialismo, combatendo-o com as armas da realidade presente em todo o Universo – o espírito, elemento essencial.

Revela as leis divinas que regem o espírito e a matéria, mostrando às ciências humanas que elas não poderão firmar-se em caráter





definitivo enquanto se ocuparem somente da matéria, desconhecendo o espírito.

Vem em socorro das religiões que se desviaram nos caminhos dos preceitos, dos preconceitos e do dogmatismo, com graves consequências para seus seguidores, indicando-lhes as leis morais do Criador, a Inteligência Suprema, resumidas pelo Cristo de Deus no Amor, na Justiça e na Caridade, em substituição aos cultos exteriores.

A doutrina de educação e reeducação que os Espíritos revelaram à Humanidade, por outro ângulo, não fica adstrita ao círculo dos cientistas, acadêmicos e intelectuais, ou, como religião natural, não se prende ao dogmatismo imposto por resoluções humanas que deturparam as verdades essenciais já conhecidas.

Pelo contrário, a Doutrina do Consolador dirige-se a todos os que, com boa vontade, procuram a Verdade, no seu sentido mais amplo.

Por mais simples e humilde que seja o ser humano, pode ele iniciar-se no conhecimento de verdades eternas, a respeito de si mesmo e da vida que se manifesta sob múltiplas formas. Pode saber do destino que o espera após a morte tão temida, deduzindo facilmente que é um ser imortal. Toma conhecimento, através de demonstrações inequívocas que, sendo imortal, revive muitas vezes em corpos materiais, em busca do conhecimento e do aperfeiçoamento moral.

Doutrina profunda em seus fundamentos fatuais e filosóficos, foi formulada de tal forma que qualquer pessoa normal pode entendê-la, estudando-a e observando-a, sem necessidade dos intérpretes sacerdotais, da hierarquia re-

ligiosa e da complicada teologia criada pelas igrejas.

O Espiritismo oferece a todos que nele se iniciam a idéia essencial de Deus, o Criador de todas as coisas, a Inteligência Suprema dos Universos, Causa essencial de tudo, cujas Leis naturais regem tudo o que existe, com base no Amor e na Justiça.

Essa idéia primordial retifica velhas concepções religiosas do Deus antropomórfico das religiões tradicionais.

Dela parte uma nova maneira de conceber a Divindade, o Ser Supremo ao qual Jesus se refere como *Pai, Pai Nosso*, na concepção verdadeiramente cristã.

É dessa concepção que partem todas os princípios da Doutrina Consoladora.

Nessa fonte luminosa e esclarecedora é que se fundamentam a educação e reeducação dos homens de todas as nações, para a implantação de uma Nova Era de um mundo regenerado. ■

Lei de amor

– “Rua!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...” –
Clama o pai, a rugir para a filha que implora:
– “Não me expulses, meu pai!... Temo a noite, lá fora!...”
E ele mostra o punhal na fúria que o consome.

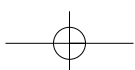
Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Ele, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sede, chaga e fome.

Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...

E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Ele diz: “Minha mãe, doce mãe de minha alma!...”
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho!...”

Narcisa Amália

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no Lar, Diversos Espíritos*. 8. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997, cap. 26, p. 67.





Homenagem a Allan Kardec

As exuberantes claridades do *Século das Luzes* não foram suficientes para arrancar a criatura humana do materialismo e do pessimismo. Enquanto as Escolas de pensamento se debatiam nas rudes procelas do cepticismo e da negação, apoiadas sobre os alicerces do mecanicismo científico, afirmando a morte do ser no momento da anóxia cerebral, igualmente alargavam-se os horizontes da investigação em torno da personalidade e do comportamento, da psique e da saúde mental, tentando-se compreender a estrutura profunda das estruturas do inconsciente e da sua constituição neurológica.

Teorias grandiosas apareciam com entusiasmo e emurcheciam dominadas por outras não menos esdrúxulas, que deslumbravam as mentes aturdidas e cansadas do Deus teológico e arbitrário, que atemorizava e punia sem compaixão em nome do amor que preconizava em Seu nome.

Pensadores cristãos sinceros, não obstante, proclamavam a necessidade de uma releitura do Evangelho baseados na necessidade de uma renovação moral fundamentada em *Deus e liberdade*. Espíritos notáveis reencarnados, quais Lamennais, Lacordaire e outros lídimos servidores do Bem, após ini-

ciarem a nova era do pensamento cristão através do seu periódico *L'Avenir*, convidando os teólogos e estudiosos católicos a uma revisão dos textos evangélicos e aplicação mais consentânea com os dias de então, viram o seu órgão ser fechado pela intolerância clerical, em tentativa cruel de silenciar-lhes a voz, mas não desistindo de dar prosseguimento à luta em favor de uma sociedade feliz e realmente cristã, conforme os postulados enunciados e vividos por Jesus.

Dessa forma, pairava na psicófera cultural da França e do mundo algo de extraordinário que deveria acontecer para alterar completamente e por definitivo a conduta religiosa que se debatia nos estertores da obstinação medieval, sobrevivente a todos os avançados passos do conhecimento existente. Eram os prenúncios da chegada do Espiritismo, cujos missionários responsáveis pelo ministério já se encontravam reencarnados uns, enquanto os outros preparavam a instalação da Nova Era.

O materialismo vigoroso era a resposta das conquistas logradas nos laboratórios e da reação filosófica de homens e mulheres que não mais se submetiam aos ditames escravocratas das paixões que produziam o fanatismo religioso, sempre distante da realidade, porém, dominante e perverso.

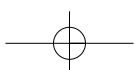
A razão, naqueles dias, libertava-se dos grilhões do *magister dixit* e a severa vigilância na literatura

que somente podia proclamar aquilo que estivesse sob os ditames da revisão religiosa autorizada pelo *Imprimatur* da Igreja começava a perder força e poder. O panfletismo e as impressões desautorizadas sacudiam as mentes e os corações que aspiravam por liberdade, abrindo os horizontes da fé para novas conceituações e procedimentos.

Foi nesse bátrato que surgiu *O Livro dos Espíritos*, publicado pela coragem moral e cultural de Allan Kardec, graças ao compromisso estabelecido com o Sr. Dentu e mantido pela sua viúva Sra. Mèlanie, que lhe honrou a memória, ensinando a impostergável revisão e reestudo da doutrina de Jesus sob a óptica da Razão e da Ciência, confirmando a indestrutibilidade do Espírito, a sua comunicabilidade com os seres humanos, a reencarnação, e apresentando a ética-moral que ressuma do Seu Evangelho, e que se encontrava mergulhada no abismo da ignorância e dos interesses subalternos.

Com as novas propostas espíritas, os camartelos do bom senso e da investigação abriram as carcomidas bases das religiões dominantes, facultando novas incursões filosóficas na interpretação dos textos de Jesus e dos Seus discípulos, que trouxeram coragem e alegria de viver aos milhões de sofrendores aquartelados nos sombrios redutos da ignorância, do medo ou do desespero e da revolta...

O Espiritismo veio confirmar a promessa de *O Consolador* pro-





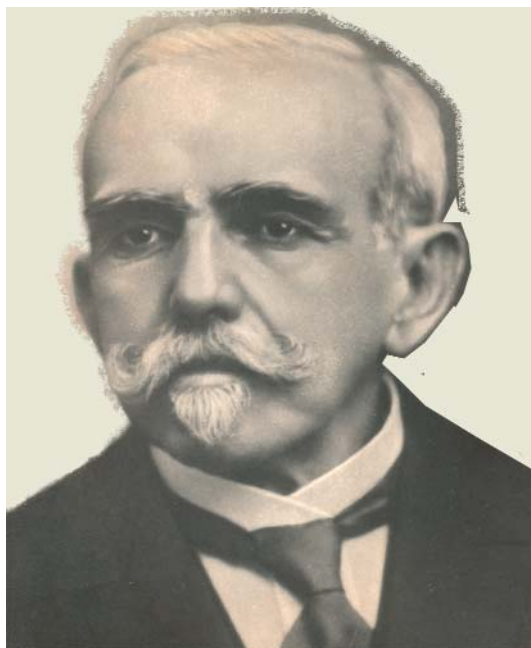
posta por Jesus antes de despedir-se dos amigos, com os notáveis instrumentos da investigação científica e do pensamento ético, ensejando a religião do amor e da razão, únicos requisitos que podem oferecer resistência contra o mal e a perversidade histórica sempre presente nos comportamentos humanos.

Inesperadamente, face ao cinismo e à vulgaridade que o materialismo propunha ao comportamento com expressões hedonistas desgastantes, sentindo-se aturdido e desestruturado, levantou-se para exterminar o Espiritismo, utilizando-se do ridículo que antes dirigia aos clérigos e religiosos outros para atingir os médiuns, que eram acusados de charlatães ou de psicopatas, não ocultando os estertores agônicos em que se estorcegava.

Enquanto os religiosos levantavam bandeiras de nova *caça às bruxas*, repetindo os desgastados refrões medievais, de intervenção demoníaca na sua conduta, o ceticismo orgulhoso e vão ridicularizava a mediunidade e os espíritas, utilizando-se de epítetos chulos e mesquinhos, para subestimarem a nova revolução que ignoravam, não tendo a coragem cultural de se dedicarem ao seu estudo e análise. É sempre mais fácil combater o que se ignora, mantendo-se na presunçosa figuração de sapiente do que reconhecer os próprios limites, avançando sempre no rumo de sempre enobrecida erudição. Isto porque o conhecimento que realmente liberta impõe conduta compatível com as informações

constatadas, exigindo radical mudança dos hábitos doentios e primários com os quais se encontra acostumado o indivíduo, para galgar um patamar mais elevado de comportamento, que exige esforço, porém compensa pela plenitude que propicia.

O Espiritismo é uma ciência de profundas conseqüências ético-morais por estruturar-se na compreen-



são de uma filosofia existencial estribada no comportamento saudável. De nada adiantaria o conhecimento da imortalidade da alma e os efeitos da sua conduta terrestre, se não proporcionasse uma alteração real na maneira de ser do indivíduo que lhe assimila os paradigmas. Exige, portanto, expressivo esforço do seu adepto para que se adeque aos seus impositivos doutrinários.

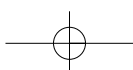
Sobrevivendo ao *Século das Luzes*, que pôde mais clarear com as

estrelas fulgurantes das suas propostas, venceu sobranceiro o *Século da Ciência e da Tecnologia*, sem que qualquer um dos seus postulados sofresse alteração ou fosse superado, antes confirmados pelas diferentes áreas da investigação científica, seja na Física Quântica, quanto na Biologia Molecular, na Psicologia Transpessoal, quanto na Embriogenia, havendo enfrentado as mais avançadas conquistas revolucionárias dos últimos tempos, quais os transplantes de órgãos, a criogenia, a clonagem, a fecundação *in vitro*, a virustera-
rapia... É o maior adversário da eutanásia, do aborto criminoso, da pena de morte, do suicídio, das guerras, sempre de pé contra o direito humano de matar, avançando estóico pelos caminhos do Terceiro Milênio com as suas propostas libertadoras e nobres, construindo o homem mais saudável, integral, e a sociedade feliz por todos anelados.

Dessa forma, recordando o ínclito Codificador Allan Kardec, que abriu a cortina da Nova Era com o seu caráter invulgar de homem de bem, de erudição e de dignidade, nós, os Espíritos-espíritas agradecemos a sua contribuição e valor, por haver sido o excelente instrumento do Mundo espiritual para a Humanidade no momento mais grave do pensamento histórico de todos os tempos.

Vianna de Carvalho

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 4 de junho de 2001, em Paris, França.) ■





Lições de falar

Passos Lírio

Sobre essas questões de falar no Espiritismo muito há que se dizer.

Vale a pena o registro de impressões, que quase podem ser as mesmas para observadores diferentes, ainda que em circunstâncias diversas.

A psicofonia, por um lado, e a inspiração, por outro, explicam coisas aparentemente absurdas.

Partindo dessas duas faculdades, temos situações bem caracterizadas no amplo campo das manifestações da palavra.

Surpresas sem conto nos colhem em suas malhas a cada passo, porque o que nos é dado ver e ouvir dá mesmo para estarrecer.

Fala quem sabe por quem não sabe e passa a saber quem antes não sabia falar.

O dom da palavra alcança pessoas até então tidas por incapazes de expressar-se em público.

Miguel Vives, médium que teve grande atuação no Movimento Espírita espanhol, frisa a diferença entre o que era ele antes e o que veio a ser depois que se fez espírita. Tornaram-se famosas suas pregações.

Elementos que se mantinham em regime de mutismo transformam-se em bem-falantes de uma hora para outra.

Não é, porém, para configurar casos de tribunos e médiuns inspirados, situando-os nas discriminações específicas de suas nuances próprias, que nos propomos trazer à baila o assunto.

Desejamos tão-somente assinalar situações relacionadas com o exercício de tal mister, quando a ele somos levados por força das circunstâncias.

Deixaremos de lado os casos, muito frequentes, de o expositor escolher um tema e, na hora de falar, discorrer sobre outro completamente diferente; de lhe ser dado um ponto para estudo e, no desenvolvimento da preleção, dissertar sobre assunto que não guarda nenhuma conotação doutrinária com ele; de levar esquematizada a conferência e, no momento, não encontrar o roteiro de sua apresentação.

Esses assuntos dariam e dão – sem exagero o dizemos – matéria para um livro de bem alentada leitura.

Citaremos apenas três casos que poderão claramente demonstrar nossa responsabilidade diante de problema de tal magnitude.

Aqui está o primeiro: distinto e culto confrade, professor de nível universitário, um belo dia foi falar aos presidiários de determinada penitenciária de grande metrópole. Discorreu amplamente sobre o tema proposto, esgotando, por assim dizer, o assunto. Havia preenchido plenamente o tempo a seu dispor.

Terminada a reunião, um dos detentos, entre respeitoso e sorridente, aproximou-se do palestrante e disse-lhe:

– Professor, hoje aprendi uma grande lição.

– Uma grande lição? Qual?

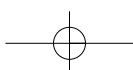
– Como é difícil falar fácil.

Agora, o segundo: um correligionário nosso, aplicado estudante e estudioso do Espiritismo, gostava muito de termos técnicos e frases empoladas, quando esflorava pontos doutrinários.

Íntimo amigo seu observou-lhe de uma feita:

– Fale de maneira a fazer-se entendido por todos. Para tanto, imagine achar-se no auditório alguém quase analfabeto ou de todo não alfabetizado, e, em sua exposição, use de linguagem simples, ao alcance dessa pessoa, porque, se assim o fizer, não haverá na assistência quem não lhe assimile as considerações expendidas. Dando o máximo em favor do menos letrado ou iletrado, você dará a melhor instrução em proveito próprio e geral.

Finalmente, o terceiro: dois companheiros, sempre que possível, iam às reuniões públicas de estudos de um Centro Espírita do bairro, dando preferência às dos sábados, por lhes serem mais propícias ao comparecimento. Ocupava a tribuna, normalmente, na última sabatina do mês, um confrade já maduro, caracterizado por muita facilidade de expressão, a quem eles ouviam com relativa regularidade.





Certa ocasião, ambos comentavam entre si quando a caminho de casa:

– Você não tem a impressão de ter ouvido a mesma coisa da vez passada, apesar de ser outro o assunto?

– Tenho, sim; aliás, sempre tive, mas não lhe dizia nada porque receava ser injusto na minha observação.

– Lembremo-nos de que o expositor costuma dizer que é espírita pela segunda vez e já conhece o Espiritismo de encarnação anterior e que por isso não precisa estudá-lo, basta recordar o que já sabe. Seria esta a explicação para o caso?

– Não pode ser outra. Acho mesmo que, enquanto ele pensar assim, nós não teremos coisa nova

em matéria de preleção doutrinária.

– Então, vamos deixá-lo no passado e caminhemos nós.

E passaram a frequentar outro Centro.

Sobre essa questão de falar no Espiritismo muito há que se dizer. Mas deixemos que cada um se dê conta do que sabe a respeito e tire as suas próprias conclusões. ■

Um dia

Um dia, Sócrates deliberou sair de si mesmo, apresentando alguns aspectos da verdade, e imortalizou-se.

Um dia, Colombo resolveu empreender a viagem ao Mundo Novo e desvelou o caminho para a América.

A gloriosa missão de Jesus começou para os homens no dia da Manjedoura. O ministério dos Apóstolos foi definitivamente homologado pelos Poderes Divinos no dia de Pentecostes.

Tudo no Universo começa num dia.

O bem e o mal, a felicidade e o infortúnio, a alegria e a dor, invocados por nossa alma, guardam o exato momento de início.

Quando plantamos, sabemos que a produção surgirá certo dia. Se encetamos uma jornada, não ignoramos que, em certo momento, ela terminará.

Um dia criamos, um dia recolheremos.

Não olvides, porém, que a semente não germinará sem cuidado, em tua quinta.

Se deres teu dia à erva ingrata, ela se alastrará, sufocando-te o horto amigo. Se abandonares teus minutos aos vermes daninhos, multiplicar-se-ão eles, indefinidamente, impedindo a colheita.

Ocupa-te com o dia, de olhos voltados para a eternidade.

Das resoluções de uma hora podem sobrevir acontecimentos para mil anos.

Tudo depende de tua atitude na intimidade do tempo.

Judas era um discípulo fiel a Jesus, mas, um dia, acreditou mais no poder frágil da Terra que na administração do Céu, e traiu a si mesmo.

Madalena era estranha mulher, possessa de sete demônios; um dia, no entanto, ofereceu-se à virtude e inscreveu seu nome na História, figurando no cânone das almas inesquecíveis.

O amanhã será o que hoje projetamos.

Alcançarás o que procuras.

Serás o que desejas.

Acorda para a realidade do momento e amontoa bênçãos pelos serviços que prestaste e pelo conhecimento que difundiste em tuas horas.

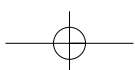
O Tempo é o rio da vida cujas águas nos devolvem o que lhe atiramos.

Enquanto dispões das horas de trabalho, dedica-te às boas obras.

Se acreditas no bem e a ele atendes, cedo atingirás a messe da felicidade perfeita; mas se agora mofas do dia, entre a indiferença e o sarcasmo, guarda a certeza de que, a seu turno, o dia se rirá de ti.

Isabel de Castro

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Falando à Terra*. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 129-130. ■



Pena de morte resolve?

Marcelo Paes Barreto

Sabemos que a ação delituosa, nas suas mais variadas modalidades, assusta a sociedade, que, na maioria das vezes, sem engrerger uma saída positiva para a manutenção da paz social, envereda por caminhos violentos, optando, muitas vezes, para a punição capital, ou seja, a morte do autor do delito.

Tal procedimento vem ocorrendo há milênios. Na antiguidade, podemos visualizar a pena definitiva, com eliminação da vida, nos povos do Oriente, da África, da Ásia, e nos do Ocidente. Os tipos de execução variavam muito, dependendo do clamor popular por um castigo maior e do grau do delito cometido. Daí sabermos do método de se esmagar o crânio com a pata de um elefante; do sacrifício vagaroso, arrancando determinados pedaços do corpo do condenado, para depois separar os membros, puxados por potentes cavalos (França e Inglaterra); da execução pela guilhotina (França); pela forca; pela cruz, entre os judeus; execução por arma de fogo; e, mais recentemente, pela câmara de gás, cadeira elétrica e injeção letal, nos EUA. Devemos ressaltar que, dos cento e trinta países do nosso planeta que ainda mantêm a pena de morte,

alguns a utilizam como uma forma profundamente pedagógica, objetivando a inibição da criminalidade, exemplo das duas Coreias, que executam os seus réus no centro de um estádio de esportes, obrigando a todos, principalmente os jovens, a assistirem.

Apesar de toda essa barbárie, podemos verificar, através de pesquisas inteiramente confiáveis, que esses métodos – “práticas pedagógicas” – não inibiram o aumento dos crimes. Muito pelo contrário, em muitos casos se constatou um acentuado aumento da criminalidade.

A busca dos cientistas

Há tempos, cientistas sociais e especialistas das ciências médicas iniciaram buscas para se descobrir a origem da delinqüência.

Vamos encontrar, nesse contexto, o Positivismo Penal implementando na *Criminologia* as fases *Antropológica*, pelo médico Cesare Lombroso; *Sociológica*, pelo professor Enrico Ferri e a *Jurídica*, pelo estudioso Rafael Garofalo (todas no final do século XIX).

Tempos depois, Lombroso, pesquisador emérito, desenvolve novos estudos criando a *Teoria da Regressão Atávica – presença hereditária* – procurando elucidar a gênese criminosa. Daí, o mestre italiano cria novas divisões: *Criminoso nato e louco moral*; *Criminoso epilético*;

Criminoso portador de ímpeto passionai; *Criminoso insano* e *Criminoso ocasional*.

Mais adiante, o professor Enrico Ferri, também aprofundando a matéria, dita a tese da *Saturação Criminal – saturação de elementos químicos e a pressão das condições sobre o caráter* – e apresenta novas divisões: *Criminoso nato*; *Criminoso louco*; *Criminoso habitual*; *Criminoso ocasional*; *Criminoso passionai*.

No Brasil tivemos vários estudiosos do empolgante assunto, dentre os quais destacamos Clóvis Beviláqua, Carlos Xavier Paes Barreto com a obra *O Crime, o Criminoso e a Pena*, Hilário Veiga de Carvalho, classificando, segundo o fator *mesológico* ou *biológico*: *mesocriminoso*, *mesocriminoso preponderante*, *mesobiocriminoso*, *biocriminoso preponderante* e *biocriminoso*. E Odon Ramos Maranhão, que escreveu uma importante obra: *A Psicologia do Crime*.

Tais estudos criminológicos, no entanto, são baseados na hipótese de que o homem é apenas matéria, sem antecedentes psicológicos e sem conseqüências psicossociais. Além disso, parte desses pensadores imagina que eliminando o cidadão do convívio social desaparecem as raízes da criminalidade.

Quando o sistema não responde

Diante de tantas dúvidas, a sociedade mostrava-se cada vez mais



ansiosa, já que tais medidas, apesar da sua natureza particularmente cruel, não faziam surtir os efeitos desejados.

O pensamento positivista, como se vê, já não respondia às questões mais profundas, mais complexas, seja na sua superficialidade, seja no âmago da questão. O criminoso visto apenas como um *ente material*, já não se enquadra de maneira simples no contexto filosófico desses estudiosos.

Conseqüentemente, as soluções para os problemas decorrentes também não se encaixavam no sistema proposto por essas autoridades, porque o homem, se considerado o *binome corpo-alma*, transcende à matéria, deixa de ser simplesmente *máquina corpórea*, para transpirar um conjunto psicossomático, imprevisível nas suas imperfeições.

Impossível, portanto, ao pensamento positivista, lidar com questões tão sensíveis como essa, como também, apresentar solução à altura para os problemas sociais e sociológicos decorrentes desse pensamento estruturado tão-somente no *homem-matéria*.

Quando o sistema responde

É nesse contexto que aparece na França, nos idos de 1857, um conjunto de informações que iria proporcionar uma das maiores revoluções das idéias deste planeta – a *Doutrina dos Espíritos Superiores*, codificada pelo pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, que adotou o cognome de Allan Kardec, em cinco grandes obras: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o*

Espiritismo, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

Na primeira obra, *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec esclarece que *os homens são Espíritos*, criados por Deus, simples e ignorantes, destinados à perfeição, na dependência direta da qualidade de suas obras, segundo o desenvolvimento da sua inteligência e o equilíbrio do seu livre-arbítrio.

**A Doutrina Espírita
chega para
esclarecer que a
morte nada mais é
do que uma viagem
de volta ao mundo
dos Espíritos**

Na quarta obra, *O Céu e o Inferno*, ele demonstra que a pena de morte não propicia o fim da problemática dos conflitos terrenos:

“Segundo a Doutrina Espírita, de acordo mesmo com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é o filho de suas obras, durante esta vida e depois da morte, nada devendo ao favoritismo: Deus o recompensa pelos esforços e pune pela negligência, isto por tanto tempo quanto nela persistir.” (*O Céu e o Inferno* – Allan Kardec – FEB – 38ª edição, 1ª Parte, cap. VI, item 21.)

Ainda em *O Céu e o Inferno*, Kardec traz o depoimento do Padre Verger, então assassino do Arcebispo de Paris, condenado à morte e executado em 30 de janeiro de 1857. Encontrava-se em plena existência espiritual e afirmava:

“*Fiz mal em matar, mas a isso fui levado pelo meu caráter, que não podia tolerar humilhações...*” “*Sou punido porque tenho consciência da minha falta.*”

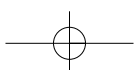
Ensina Emmanuel:

“*A morte a ninguém propiciará passaporte gratuito para a ventura celeste. Nunca promoverá compulsoriamente homens a anjos. Cada criatura transporá essa aduana da eternidade com a exclusiva bagagem do que houver semeado, e aprenderá que a ordem e a hierarquia, a paz do trabalho edificante, são características imutáveis da Lei, em toda parte.*”

Ninguém, depois do sepulcro, gozará de um descanso a que não tenha feito jus, porque ‘o Reino do Senhor não vem com aparências externas’.” (Prefácio do livro *No Mundo Maior*, do Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, ed. FEB.)

A outra face da morte

A Doutrina Espírita, assim, chega para esclarecer que a morte nada mais é do que uma viagem de volta ao mundo dos Espíritos, em que se levam na bagagem as





próprias obras, responsabilizando-se, cada qual, efetivamente, por elas.

É importante ressaltar que, a partir do esclarecimento espírita, a morte perde a sua face aterrorizante, ganha outra percepção e se apresenta – agora sim – *como um conjunto de fatores pedagógicos*, que propicia, a quantos dele tomem conhecimento, *a oportunidade da preparação disciplinada*, capaz de permitir a escalada dos degraus da evolução com vistas à conquista da verdadeira felicidade.

Aparece também, em consequência da Revelação, o instituto das vidas sucessivas (reencarnação), dando a todos a oportunidade da reabilitação diante dos erros, e, principalmente, da redefinição, novamente, no caminho do bem.

A educação da alma como nova perspectiva

A partir dessa perspectiva, portanto, a pena de morte, como condição de *aspepsia social*, deixa de ter qualquer validade funcional-pedagógico-educacional. E assim, no que tange à questão do crime, as universidades e seus pesquisadores terão que reconhecer que a única forma de se reformar o criminoso – *também um ser eterno e criado para o bem* – é a realização de um *profundo trabalho de educação da alma*, capaz de reciclá-la nos aspectos mais estacionários, para que nela apareçam os caracteres da perfeição.

Para concluir, podemos anotar que, como poderoso instrumento de ação sociológica,

“(...) o Espiritismo, por isso mesmo, é o disciplinador de nossa liberdade, não apenas para que tenhamos na Terra uma vida social dignificante, mas também para que mantenhamos, no campo do espírito, uma vida individual harmoniosa, devidamente ajustada aos impositivos da Vida Universal Perfeita, consoante as normas de Eterna Justiça, elaboradas pelo supremo equilíbrio das Leis de Deus.” (Prefácio de Emmanuel no livro *Ação e Reação*, ditado pelo Espírito André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier, 21ª edição, p. 10-11, FEB.)

Complementarmente, temos que:

“(...) a reencarnação é um estágio sagrado de recapitulação das nossas experiências e que a Doutrina Espírita, revivendo o Evangelho do Senhor, é facho resplendente na estrada evolutiva, ajudando-nos a regenerar o próprio destino, para a edificação da felicidade real.” (Emmanuel, op. cit., p. 11.)

E assim, analisando a questão da pena de morte, mesmo diante dos quadros pesarosos que nos oferece atualmente a criminalidade, considerando, porém, o que já expusemos, quando nos referimos às práticas (inócuas) de extermínio da vida humana como solução para o combate ao crime, chegamos à conclusão de que a vida na sociedade terrena jamais deve ser interrompida como solução para os males que hoje afligem a sociedade.

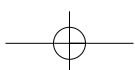
Ao contrário, é preciso que a sociedade evolua em seus conceitos sobre a vida e a morte, enxergando o homem como *criatura de Deus*, portanto, abonada pela Misericórdia Divina.

E avançando mais em seus conceitos, refletir sobre o homem como uma alma pensante, inteligente, sujeita ao progresso infinito, e que, para isso, habita, temporariamente, um corpo humano, o que lhe permite recomeçar sempre, reconstruindo a si mesmo e a tudo o que pode influenciar, questão essa que nos traz, novamente, o já comentado conceito da *reencarnação* como elevado instrumento da Justiça Divina.

Finalmente, condenando a *pena de morte*, é preciso que a sociedade humana se aprimore e se afine com as Leis Divinas, seguindo o seu fluxo enobrecedor, laborando o aperfeiçoamento social em cada uma de suas etapas pedagógicas e orientadoras.

E diante dos males que hoje assustam, com a sua violência, a sociedade de nossos dias, buscar nas Leis da Criação a necessária inspiração para que todas as criaturas possam conviver fraternalmente, numa sociedade justa, na qual os benefícios do trabalho, do desenvolvimento e do progresso constante possam ser repartidos equitativamente.

Desse modo, amparadas por um projeto social de convivência fraterna, alicerçada em profundas bases educadoras, que as criaturas humanas, *visualizadas como homens e almas*, possam ter a necessária oportunidade de, passo a passo, atingir o fim essencial para o qual foram criadas: **o Bem.** ■



PRESENÇA DE CHICO XAVIER

No reino das borboletas

A beira de um charco, formosa borboleta, fulgurando ao crepúsculo, pousou sobre um ninho de larvas e falou para as pequenas lagartas, atônitas:

– Não temais! Sou eu... uma vossa irmã de raça!... Venho para comunicar-vos esperança. Nem sempre permanecerdes coladas à erva do pântano! Tende calma, fortaleza, paciência!... Esforçai-vos por não sucumbir aos golpes da ventania que, de quando em quando, varre a paisagem. Esperai! Depois do sono que vos aguarda, acordareis com asas de puro arminho, refletindo o esplendor solar... Então, não mais vos arrastareis, presas ao solo úmido e triste. Adquirireis preciosa visão da vida! Subireis muito alto e vosso alimento será o néctar das flores... Viajareis deslumbradas, contemplando o mundo, sob novo prisma!... Observareis o sapo que nos persegue, castigado pela serpente que o destrói, e vereis a serpente que fascina o sapo, fustigada pelas armas do homem!...

Enquanto a mensageira se entregava a ligeira pausa de repouso, ouviam-se exclamações admirativas:

– Ah! não posso crer no que vejo!

– Que misteriosa e bela criatura!...

– Será uma fada milagrosa?

– Nada possui de comum conosco...

Irradiando o suave aroma do jardim em que se demorara, a linda visitante sorriu e continuou:

– Não vos confieis à incredulidade! Não sou uma fada celeste! Minhas asas são parte integrante da nova forma que a Natureza vos reserva. Ontem, vivia convosco; amanhã, vivereis comigo! Equilibrar-vos-eis no imenso espaço, desferindo vôos sublimes à plena luz! Libertadas do chavascal, elevar-vos-eis, felizes! Conhecereis a beleza das copas floridas e o saboroso licor das pétalas perfumadas, a delícia da altura e a largueza do firmamento!...

Logo após, lançando carinhoso olhar à família alvoroçada, distendeu o corpo colorido e, volitando, graciosa, desapareceu.

Nisso chega ao ninho a lagarta mais velha do grupo, que andava ausente, e, ouvindo as entusiásticas referências das companheiras mais jovens, ordenou, irritada:

– Calem-se e escutem! Tudo isso é insensatez... Mentiras, divagações... Fugamos aos sonhos e aos desvarios. Nunca teremos asas. Ninguém deve filosofar... Somos lagartas, nada mais que lagartas. Sejamos práticas, no imediatismo da própria vida. Esqueçam-se de pre-

tensos seres alados que não existem. Desçam do delírio da imaginação para as realidades do ventre! Abandonaremos este lugar, amanhã. Encontrei a horta que procurávamos... Será nossa propriedade. Nossa fortuna está no pé de couve que passaremos a habitar. Devorar-lhe-emos todas as folhas... Precisamos simplesmente comer, porque, depois, será o sono, a morte e o nada... nada mais...

Calaram-se as larvas, desencantadas.

Caiu a noite e, em meio à sombra, a lagarta-chefe adormeceu, sem despertar no outro dia. Estava ela completamente imóvel.

As irmãs, preocupadas, observavam curiosas o fenómeno e puseram-se na expectativa.

Findo algum tempo, com infinito assombro, repararam que a orgulhosa e descrente orientadora se metamorfoseara numa veludosa falena, voejante e leve...

.....

Anotando a lição breve e simples, creio que há muitos pontos de contacto entre o reino dos homens e o reino das borboletas.

Irmão X

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Contos e Apólogos*. 9. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 29, p. 125, 126 e 127. ■



Agonias da Terra, premissas do Céu!...

Rogério Coelho

“(...) o martírio não é mais do que a casca de um fruto delectável, dando coragem e resignação.”

Marcel¹

A história do sofrimento na Terra começa com a fábula de Adão e Eva no Paraíso, quando, segundo a letra (que mata) a voz de Deus dirigindo-se a Eva sentenciou²: “(...) *Multiplicarei grandemente a tua dor (...)*”; e logo a seguir, voltando-se para Adão, profetizou³: “(...) *com dor comerás da terra todos os dias da tua vida*”.

É evidente que todo esse folclore bíblico, elaborado por Moisés, tinha por finalidade levar às consciências o sentimento de culpa e a necessidade de repará-la, e o grande legislador desincumbiu-se de tal tarefa fazendo crer que havia uma culpa universal, originária do primeiro tronco, da qual cada um deveria empenhar-se em livrar-se. De outra maneira, como aquele povo ignorante poderia compreender que a perda do paraíso traduzia o degredo de outro sistema planetário onde faliram todos? E como devedores da Lei Divina fazia-se mister o

devido ressarcimento?! Portanto, a alternativa de Moisés foi valer-se da lenda de Adão e Eva personificando um casal matriz desobediente. Se ainda hoje existem criaturas totalmente refratárias à verdadeira cosmogonia revelada pelo Espiritismo, imaginemos no tempo de Moisés!... Mas, de qualquer forma, estava ali consignada a incontestável realidade da dor e do sofrimento decorrentes dos humanos equívocos. Mas não somente ali, pois também ao longo de todas as Antigas Escrituras quanto das Neotestamentárias, podemos flagrar os proscênios de dores e escarcéus, culminando com o próprio martírio do Cristo, ao qual se seguiram os de Seus discípulos e demais seguidores...

Somente agora, com as luzes da Doutrina Espírita, podemos entender o porquê da dor, e sua função regeneradora.

Segundo o nobre Mentor Emmanuel⁴:

“(...) essa pesada bagagem de sofrimentos constitui os alicerces de uma vida superior, repleta de paz e alegria. Essas dores representam auxílio de Deus à terra estéril dos corações humanos. Chegam como adubo divino aos sentimentos das

criaturas terrestres, para que de pântanos desprezados nasçam lírios de esperança.

(...) Cristo (...) reservou trabalhos e sacrifícios aos companheiros amados, para que se não perdessem na ilusão e chegassem à vida real com valioso patrimônio de estáveis edificações.

Eis por que a alegria cristã não consta de prazeres da inconsciência, mas da sublime certeza de que todas as dores são caminhos para júbilos imortais.”

Léon Denis, o notável continuador de Kardec, ensina⁵:

“A todos aqueles que perguntam: Para que serve a dor? respondo: Para polir a pedra, esculpir o mármore, fundir o vidro, martelar o ferro. Serve para edificar e ornar o templo magnífico, cheio de raios, de vibrações, de hinos, de perfumes, onde se combinam todas as artes para exprimirem o divino, prepararem a apoteose do pensamento consciente, celebrarem a libertação do Espírito! (P. 382.)

Na oficina augusta, onde se forjam as almas, não são suficientes o gênio e a glória para fazê-las verdadeiramente formosas. Para dar-lhes o último traço sublime tem sido

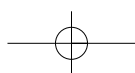
¹ KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno* – 2ª parte – cap. VIII: “Expiacões Terrestres”, FEB.

² *Gênesis*, 3:16.

³ *Gênesis*, 3:17.

⁴ XAVIER, F. C. *Caminho, Verdade e Vida*, pelo Espírito Emmanuel, cap. 93, FEB.

⁵ DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Parte Terceira, caps. XXVI e XXVII, FEB.





sempre necessária a dor. Se certas existências se tornaram, de obscuras que eram, tão santas e sagradas como dedicações célebres, é que nelas foi contínuo o sofrimento (...). (P. 377.) [Chico Xavier que o diga.]

(...) Na Terra será simultaneamente físico e moral e constituirá um modo de reparação; mergulhará o culpado em suas chamas para purificá-lo; tornará a forjar a alma, deformada pelo mal, na bigorna das provas. Assim, cada um de nós pode ou poderá apagar seu passado, as tristes páginas do princípio da sua história, as faltas graves cometidas quando era apenas Espírito ignorante ou arrebataado. Pelo sofrimento aprendemos a humildade, ao mesmo tempo que a indulgência e a compaixão para com todos os que sucumbem em volta de nós sob o impulso dos instintos inferiores, como tantas vezes nos sucedeu a nós mesmos outrora (p. 384).

Por muito tempo ainda a Humanidade terrestre, ignorante das leis superiores, inconsciente do futuro e do dever, precisará da dor para estimulá-la na sua via, para transformar o que nela predomina, os instintos primitivos e grosseiros, em sentimentos puros e generosos. Por muito tempo terá o homem de passar pela iniciação amarga para chegar ao conhecimento de si mesmo e do alvo a que deve mirar. (...) a dor persistirá, enquanto o egoísmo e o interesse regerem as sociedades terres-

tres, enquanto o pensamento se desviar das coisas profundas, enquanto a flor da alma não tiver desabrochado (p. 385).

Se, nas horas da provação, soubéssemos observar o trabalho interno, a ação misteriosa da dor em nós, em nosso “eu”, em nossa consciência, compreenderíamos melhor *sua obra sublime de educação e aperfeiçoamento* (...). (P. 379, grifo do autor.)



Aprende a sofrer. Não te direi: procura a dor. Mas, quando ela se erguer inevitável em teu caminho, acolhe-a como uma amiga. Aprende a conhecê-la, a apreciar-lhe a beleza austera, a entender-lhe os secretos ensinamentos. Estuda-lhe a obra oculta. Em vez de te revoltares contra ela ou, então, de ficares acabrunhado, inerte e fraco debaixo de sua ação, associa tua vontade, teu pen-

samento ao alvo que ela visa, procura tirar dela, em sua passagem por tua vida, todo o proveito que ela pode oferecer ao espírito e ao coração.

(...) A Harmonia e a Beleza são leis universais e, nesse conjunto, a Dor tem o seu papel estético. Seria pueril enraivecerno-nos contra este elemento necessário à beleza do mundo. Exaltemo-la antes, com vistas e esperanças mais elevadas! Vejamos nela o remédio para todos os vícios, para todas as decadências, para todas as quedas!” (P. 399.)

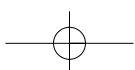
A notável psiquiatra suíça, naturalizada norte-americana, Dr^a. Elisabeth Kübler-Ross⁶, afirma com propriedade e sabedoria:

“Todas as penúrias que sofremos na Vida, todas as tribulações e pesadelos, todas as coisas que poderíamos considerar castigos de Deus, são na realidade, presentes. São a oportunidade de crescer, que é a única finalidade da Vida.

Se cobríssemos os desfalecidos para protegê-los dos vendavais, jamais veríamos a beleza de suas formas.”

Assim, embora estando todos nós à mercê das procelas da Vida, a Doutrina Espírita oferece-nos “a claridade matinal que toca a despertar” através do conhecimento e do amor, mas muitas criaturas só acordam com o doloroso e às vezes cruento impositivo da dor. ■

⁶ ROSS, Elisabeth Kübler-. *La Rueda de la Vida* – Ediciones Grupo Zeta.



Caminhando e aprendendo

Daltro Rigueira Vianna

Tarde invernal. O Sol já se despedia no horizonte, cobrindo-o com seus matizes exuberantes. Transitando por entre as frondosas árvores daquela avenida, meus olhos observavam a movimentação dos transeuntes e meu cérebro registrava os acontecimentos. Veio-me à baila um ensinamento de alguém: *“O Mundo do Senhor é uma planície de esperanças, onde as cascatas de luzes, as árvores floridas de bênçãos, os campos verdejantes e perfumados de virtudes esperam o ser, dando-lhe a verdadeira felicidade.”* As criaturas iam e vinham, cada qual demonstrando nas fisionomias, muito dos sentimentos que lhes iam na alma. Um filósofo escreveu: *“A alma em sua jornada terrena é a tecelã da alegria e da felicidade, do amor e da abnegação, da paciência e da tolerância que devemos ter uns pelos outros.”* Na frente de uma lanchonete, pessoas dialogavam sobre variados assuntos. Despontou na minha casa mental um pensamento, anotado de algum lugar: *“Os homens medíocres discutem pessoas... os homens medianos discutem fatos... Já os homens superiores discutem idéias!”*... Uma jovem passa tristonha, derraman-

do-se em lágrimas – um drama certamente a entristecia. Flui no meu cérebro uma frase anotada nos escaquinhos da mente: *“Lágrimas são emoções materializadas que rompem as barreiras do corpo físico. Em realidade, são energias que necessitam transportar seus excessos para fora do corpo somático.”*

“Expições redentoras são, também, as mãos do amor trabalhando as substâncias do ser”

Um pedinte, cabelos encanecidos, olhos embaciados. Caridosa mão estende-lhe um pacote de biscoitos. O valoroso Espírito Bezerra de Menezes ministrou: *“Distribuíamos, de alma a cantar, o pão, a veste e o livro; o sorriso, a palavra e a oração; o consolo, a esperança e a fé... Caridade em marcha.”* Um paraplégico, numa cadeira de rodas, esforça-se para impulsioná-la pela calçada, sob o olhar dos curiosos. O Espírito Victor Hugo elucidou-nos:

“Expições redentoras são, também, as mãos do amor trabalhando as substâncias do ser para o fanal glorioso.” Uma grande fila de veículos aguça-me a curiosidade. Volvo o olhar por entre os mesmos e descubro, ao final, um carro funerário – um cortejo fúnebre. Lembro-me da maravilhosa lição do Espírito Gúbio: *“Morte é simples mudança de veste, somos o que somos. Depois do sepulcro, não encontramos senão o paraíso ou o inferno criados por nós mesmos.”* Caminho feliz. Meu olhar se estende ao infinito. Reluz nos meus pensamentos grandiosa assertiva do Espírito Victor Hugo: *“Quem vai devagar vai seguro. Quem vai seguro vai longe.”*

Volvo os olhos para cima. Uma construção de um edifício em andamento. Trabalhadores se movimentam febrilmente. Guardada no meu inconsciente está uma extraordinária frase que, outrora, marquei num livro: *“Não esqueças que os amigos encarnados e desencarnados te oferecem andaimos; as dificuldades e padecimentos te proporcionam pedras; a fé carregou cimento divino para o teu coração, entretanto a construção é tua.”* E, assim, continuei a caminhada, observando e refletindo nas palavras do Espírito Lourdes Catherine: *“Na cidade da vida, quando pensamos estar subindo a rua da felicidade, às vezes podemos estar descendo a ladeira da decepção.”* ■

ENTREVISTA: JOÃO DE JESUS MOUTINHO

Dirigente fala sobre os primórdios do Movimento Espírita e da FEB em Brasília

O Presidente da Federação Espírita do Distrito Federal, João de Jesus Moutinho, traz significativas informações sobre a evolução do Movimento Espírita no Distrito Federal e sobre os tempos iniciais da Sede da FEB em Brasília

P. – Há quanto tempo e como se envolveu com o Movimento Espírita?

JJM – De berço espírita, conhecemos as primeiras lições de “catecismo espírita”, das quais nos recordamos ainda hoje. A partir de outubro de 1946, com 21 anos, iniciamos as atividades de expositor do Grêmio Espírita de Araguari (Minas Gerais), de cuja fundação também participamos. Prosseguimos na tarefa de expositor, na década de 50, em vários núcleos da cidade. Em 1960, assumimos a direção do Centro Espírita Obreiros do Bem, até 1971 – quando nos transferimos para Brasília –, e da Aliança Municipal Espírita de Araguari, por duas gestões. Em 1973, além das palestras em vários núcleos desta Capital, já estávamos vinculados à FEB, onde permanecemos até 1986, quando assumimos a direção da Federação Espírita do Distrito Federal.

P. – Há algum fato a ser destacado sobre o seu período inicial como espírita?

JJM – Destacaria a oportunidade rara que tivemos de conhecer, no lançamento, as obras que a FEB editou de Chico Xavier e de Yvonne A. Pereira, que vieram dar qua-

lidade aos estudos que fizemos, incluindo Velho e Novo Testamento, sob a orientação de sábio instrutor encarnado.



João de Jesus Moutinho

P. – Qual sua atuação, na fase da construção da sede da FEB em Brasília?

JJM – Para a construção de dois módulos, inicialmente programados, a fim de viabilizar a transferência da Sede da FEB, foi constituída uma comissão, da qual fizemos parte com Antonio Fernandes Soares, primeiro Diretor da FEB em Brasília, e de Israel Quirino do Nascimento, autor dos projetos. Como o Presidente Francisco Thiesen ainda residia no Rio de Janeiro, indicou-nos também seu procurador.

Vivemos, assim, um período muito sobrecarregado, respondendo pelas atividades espirituais da FEB, aquisição de materiais de construção, admissão e demissão de empregados, organização da contabilidade, prestações de contas com pedidos de provisão de caixa, além de acompanhar, com os dois Diretores, dia a dia, o andamento das construções.

P. – Como iniciou seu trabalho junto à Federação Espírita do Distrito Federal?

JJM – Ainda como secretário, respondendo pela correspondência da FEB em Brasília, fomos convidados, na qualidade de sócio da FEDF, a participar de seu processo de eleição em 1986. Vale recordar que seus dirigentes não tinham qualquer intenção em nos indicar para o cargo. No entanto, à vista de ocorrências que surgiram durante o processo eleitoral, fomos consultados sobre a nossa indicação como Presidente. E assim permanecemos até hoje.

P. – Esteve no Conselho Federativo Nacional, desde a transferência para Brasília?

JJM – Atualmente, juntamente com Pedro Valente, ex-Presidente da União Espírita Mineira, acreditamos ser um dos raros espíritas en-



carnados, presentes à Reunião Plenária do Conselho Federativo Nacional, em Brasília, nos dias 19 a 21 de abril de 1975, ainda na gestão do Presidente Armando de Oliveira Assis. Naquela oportunidade, ouvimos a mensagem espírita de Ismael para o CFN, através do médium Divaldo Pereira Franco. Essa reunião contou com a presença de Noraldino de Melo Castro, um dos signatários do Pacto Áureo, em 1949.

P. – Como analisa esse Órgão da FEB ao longo desses anos?

JJM – Acompanhando as atividades do CFN, desde a sua transferência para o Planalto Central, acreditamos que, à semelhança do que ocorreu com a Doutrina Espírita, trasladada de seu berço para o Brasil, também o CFN e o Movimento Espírita ganharam vulto e compreensão com a mudança para a Capital Federal. Assim como reconhecemos duas fases na difusão da Doutrina, de Kardec até Chico Xavier e deste em diante, também identificamos duas fases no processo de Unificação, do Pacto Áureo até a transferência do CFN para Brasília e a partir desta mudança e da gestão do Presidente Thiesen em diante.

P. – Como avalia a evolução do Espiritismo no Distrito Federal?

JJM – Qualificamos o Espiritismo no Distrito Federal como muito saudável e muito dinâmico. Contando com o trabalho de espíritas procedentes de todos os Estados da União, acreditamos que a Providência Divina muito tenha feito e ainda faz para que isto aconteça. Nas atividades regionais, observamos o apoio incondicional não somente de conselheiros da FEDF, como também dos diversos traba-

lhadores. Um dos fatores que muito contribuem igualmente para facilitar o processo de Unificação é a proximidade das cidades que compõem o Distrito Federal.

P. – Gostaria de deixar alguma mensagem aos leitores de Reformador?

JJM – Acreditamos que as obras da psicografia de Chico Xavier muito contribuíram para o

processo de Unificação. Somente depois de melhor conscientização da Doutrina foi possível a assinatura do Pacto Áureo, em outubro de 1949, e, já no final do século XX a criação do Conselho Espírita Internacional. A Unificação, contudo, sem adotar um modelo de hierarquias materiais, é processo permanente que se desenvolverá à custa do amor e da vivência do Evangelho. ■

Doutrinar e transformar

Meus amigos:

Em verdade é preciso doutrinar para esclarecer.
Mas é imprescindível, igualmente, transformar para redimir.
Doutrinação que melhore.

Transformação que recupere.

A teoria prepara.

A prática realiza.

Ensinando, induzimos.

Fazendo, demonstramos.

Quem instrui, acende luz.

Quem edifica, é a própria luz em si.

Para doutrinar com segurança, é necessário atender à sabedoria através do cérebro.

Para transformar com êxito, é indispensável obedecer ao amor, por intermédio do coração.

Não basta, pois, o ensinamento.

Imperioso sejamos nós mesmos a lição viva.

Pensamento que observe e ilumine.

Sentimento que compreenda e ajude sempre.

Não nos limitemos, desse modo, aos méritos da palavra.

Procuremos, com o mesmo fervor, as vantagens da ação.

Cultura que aperfeiçoe.

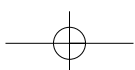
Trabalho que santifique.

Hermes, Zoroastro, Confúcio, Sidarta e Sócrates foram grandes e veneráveis instrutores que nos revelaram a senda.

Jesus-Cristo, porém, associando lição e exemplo, é o Mestre Amoroso e Sábio que nos ensina a percorrê-la.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do Grande Além*, Diversos Espíritos. 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, cap. 31, p. 127-128.





ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

Ricamente

“A palavra do Cristo habite em vós, ricamente...”
– Paulo. (Colossenses, 3:16.)

Dizes confiar no poder do Cristo, mas, se o dia aparece em cores contrárias à tua expectativa, demonstras deplorável indigência de fé na inconformação.

Afirmas cultivar o amor que o Mestre nos legou, entretanto, se o companheiro exterioriza pontos de vista diferentes dos teus, mostras enorme pobreza de compreensão, confiando-te ao desagrado e à censura.

Declaras aceitar o Evangelho em sua simplicidade e pureza, contudo, se o Senhor te pede algum sacrifício perfeitamente compatível com as tuas possibilidades, exhibes incontestável carência de cooperação, lançando reptos e solicitando reparações.

Asseveras procurar a Vontade do Celeste Benfeitor, no entanto, se os teus caprichos não se encontram satisfeitos, mostras lastimável miséria de paciência e esperança, arrojando teus melhores pensamentos ao lamaçal do desencanto.

Acenderemos, porém, a luz, permanecendo nas trevas?

Daremos testemunho de obediência, exaltando a revolta?

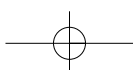
Ensinares a serenidade, inclinando-nos à desesperação?

Proclamaremos a glória do amor, cultivando o ódio?

A palavra do Cristo não nos convida a marchar na fraqueza ou na lamentação, como se fôssemos tutelados da ignorância.

Segundo a conceituação iluminada de Paulo, a Boa Nova deve irradiar-se de nossa vida, habitando a nossa alma, ricamente.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte Viva*. 28. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 125, p. 283-284.



Dois séculos, duas projeções

Kleber Halfeld

Século I a.C. Nasce Hilel – na Babilônia, da família de Davi –, um dos mais respeitáveis fundadores do judaísmo rabínico, líder ético de sua geração. Suas “Sete Regras”, de exegese, lançariam as bases para uma interpretação mais liberal das Escrituras.

Século XIV. Nasce no Porto, Portugal, D. Henrique de Sagres, aquele que mais contribuiria para a expansão ultramarina portuguesa. Malgrado nunca ter tomado parte em uma viagem marítima, seria cognominado como – o *Navegador*.

Dois personalidades em dois distantes séculos, as quais se confundiriam como o Espírito atento ao chamado de Jesus, para execução no planeta Terra de nobilíssimos trabalhos em prol de sua Humanidade.

...

Chamo a atenção do leitor para estes dois versículos da Bíblia, no livro “Juízes” (Velho Testamento), capítulo 12, versículos 13 e 14:

“Depois dele Abdom [juiz de Israel], filho de Hilel, piratonita, julgou a Israel (...) Morreu Abdom filho de Hilel, piratonita e foi sepultado em Piratom, na terra de Efraim, na região dos amalequitas.”

(O nome Hilel é a forma aporuguesada de Hilel, que por sua vez pode ser também escrito Helil, no árabe. A forma gráfica depende de cada autor. Hilel, de acordo com o *Dicionário da Bíblia*¹ significa “*ele tem louvado*”).

Observando-se as datas de nascimento e desencarnação do personagem em foco (c. 70 a.C. – c. 10 d.C.) concluir-se-á que não chegou ele a conhecer o Cristianismo, todavia, seus ensinamentos seriam confirmados mais tarde por Jesus e pela Doutrina Espírita.

O estudo com os mestres de sua época, Shemaiáh

e Abtaliom, proporcionou-lhe invejável cultura, salientando-se que a tradição lhe atribuiu alto posto no Sannedrim com o título de *Nasi* (Príncipe). Todavia, sua personalidade não se projetou tão apenas na área da Cultura. Ismael Gomes Braga em sua obra *O Esperanto na Visão Espírita*², no capítulo que descreve algumas passagens dessa figura do século I a.C., esclarece que viveu ele “*na memória da posteridade como o grande instrutor que reunia e praticava as virtudes da caridade, humildade, paciência e piedade*”. E quase ao término de seu bem elaborado trabalho não esconde o autor sua admiração para o vulto que “*era um homem bom, prudente e gostava de estudar*”. E ainda acrescenta: “*A concisão nas máximas de Hilel [forma gráfica que usou] tem muita semelhança com as máximas de Jesus. Um e outras se destinam a diversas interpretações no correr dos séculos, de conformidade com o adiantamento das inteligências e o progresso da Revelação Divina.*”

Por outro lado, o livro de Hermínio Miranda, *Reencarnação e Imortalidade*³, fornece-nos mais alguns dados sobre o personagem que estamos tecendo considerações:

“(…) Seu espírito de há muito devia estar ligado ao do Mestre, porque seus ensinamentos são notavelmente coincidentes com os do Cristo:

– O que for desagradável para ti, não faças ao teu próximo, nisto se resume toda a Lei; tudo o mais não passa de comentário.

– Não julgues o teu semelhante antes de te colocares em seu lugar.”

Realmente, uma identificação visível!ss

...

Humberto de Campos, em sua obra bem conhecida *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*⁴, até hoje de expressiva vendagem, em seu primeiro capítulo vem colocar-nos a par do curioso diálogo que um dia, no Espaço Sideral, foi mantido entre Jesus e

o Espírito daquele que, no passado, foi um dos mais eminentes rabis de seu povo, considerado mesmo líder ético de uma geração.

(No mencionado diálogo, a forma nominal usada pelo autor é a árabe – Helil –, em vez de Hilel, forma portuguesa.)

No encontro, as palavras iniciais de Jesus ao seu fiel mensageiro, encarregado dos problemas sociológicos da Terra, conforme se toma conhecimento:

“– Helil (...) meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão dos homens, no que se refere às lições do meu Evangelho. Por toda parte é a luta fratricida, como polvo de infinitos tentáculos, a destruir todas as esperanças; recomendei-lhes que se amassem como irmãos, e vejo-os em movimentos impetuosos, aniquilando-se uns aos outros como Cains desvairados.”

(Oportuno esclarecer que segundo Humberto de Campos esse encontro se verificou no último quartel do século XIV em uma das periódicas visitas de Jesus à Terra.)

Busca o mensageiro aduzir que semelhantes movimentos – referência feita às Cruzadas –, possivelmente teriam uma justificativa. Que os príncipes cristãos “emprenhando as iniciativas daquela natureza, guardavam a nobre intenção de velar pela paisagem deliciosa dos Lugares Santos”.

O diálogo continua repleto de doce emoção, quando o leal mensageiro, entre brando e humilde, considera:

“– Senhor, se esses povos infelizes, que procuram na grandeza material uma felicidade impossível, marcham irremediavelmente para os grandes infortúnios coletivos, visitemos os continentes ignorados, onde espíritos jovens e simples aguardam a semente de uma vida nova. Nessas terras, para além dos grandes oceanos, poderíeis instalar o pensamento cristão, dentro das doutrinas do amor e da liberdade.”

Notícia então Humberto de Campos que acompanhados de querubins e arcanjos, dirigem-se Jesus e seu mensageiro para o continente que posteriormente seria o mundo americano. E quando se detêm de forma mais específica sobre o solo que mais tarde receberia a designação de *Brasil*, uma nobre incumbência é dada pelo Mestre:

“(...) Tu, Helil, te corporificarás na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitários, que separam o velho do novo mundo (...). Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da Cruz, ficará localizado o coração do mundo!”

Essas doces quão emotivas palavras de Jesus são suficientes, em verdade, para identificar, no Espírito posto em evidência, aquele que estava pronto para atender ao amoroso chamado do Cristo. É o que vemos confirmado nesta afirmativa do autor da obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*:

“Consoante a vontade piedosa do Senhor, todas as suas ordens foram cumpridas integralmente.”

...

É vocábulo bem conhecido este que aqui anotamos: *Sagres*.

Consoante a Grande Enciclopédia Larousse Cultural, identifica ele a freguesia do concílio da Vila do Bispo, Portugal; lembra o local onde – segundo a tradição – D. Henrique teria fundado sua célebre escola de navegação, conhecida como Escola de Sagres, da qual partiram as caravelas para a conquista de desconhecidos mares... e terras. Finalmente nos traz à mente o nome de um promontório, ao sul da povoação de Sagres.

Entretanto, destas designações inegavelmente aquela que mais se projetou foi, de fato, a Escola fundada pelo Infante D. Henrique.

Reconhecendo ele as necessidades de uma povoação



D. Henrique de Sagres



ção destinada aos trabalhos de apetrechamento das naus que se encontravam na baía de Lagos – na verdade, um excelente porto de abrigo –, imaginou D. Henrique reunir, em sua residência, mestres astrônomos portugueses, que formariam pilotos como Jaime de Maiores, Mestre Joam, Samuel Goleimo, Antônio de Nola e outros.

(Em 1755, um terremoto destruiu muitas construções ali existentes.)

Porém, neste ponto, é o caso de questionar-se:

– Por que motivo a especificação de semelhantes detalhes?

Explicamos.

Foi exatamente o Infante D. Henrique, quinto filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, quem mais lutou pela ampliação ultramarina de Portugal, conforme já esclarecido, ou seja, era o Espírito determinado a cumprir na Terra o compromisso firmado no Além, diante da figura excelsa de Jesus! Os historiadores não se furtam em admitir que entre as possíveis razões que levaram D. Henrique a agir de forma tão obstinada, dois motivos podem ser especificados: um de ordem econômica; outro, de fé. (Grifei.)

Confirmemos com Humberto de Campos:

“(...) Desde a expedição de Ceuta, o Infante deixou transparecer, em vários documentos que se perderam nos arquivos da Casa de Avis, que tinha a certeza da existência das terras maravilhosas, cuja beleza haviam contemplado os seus olhos espirituais, no passado longínquo. (Destaquei.) (...) A prova de que os seus estudos particulares falavam da terra desconhecida é que o mapa de André Bianco, datado de 1448, mencionava uma região fronteira à África (...).”

É interessante salientar, todavia, que o trabalho de D. Henrique não se findaria com sua desencarnação em 1460.

“Novamente no Além – escreve o grande cronista do mundo espiritual –, o antigo mensageiro do Mestre [que no passado fora Hilel, ou Helil] não descansou, chamando a colaborar com ele numerosas fa-

langes de trabalhadores devotados à causa do Evangelho do Senhor.”

A influência espiritual do antigo Infante busca envolver esses mesmos trabalhadores. Entre eles, a figura de Pedro Álvares Cabral, que depois de implorar as bênçãos de Deus na Ermida do Restelo, parte confiante em direção ao seu objetivo. *Estava criado* – como diz o autor da obra que estamos focalizando – *o campo favorável para a “assistência espiritual do mensageiro incansável [D. Henrique de Sagres] que, de fato, era ali o divino expedicionário”.*

...

Duas épocas.

Século I a.C.

Século XIV.

Um Espírito. Uma individualidade e duas personalidades. Duas respeitáveis projeções: Hilel (ou como queiram, Helil), líder de uma geração na antiga Palestina; Infante D. Henrique, o Navegador, celebrado por uma escola de navegação que fundou em Portugal.

Quais as demais personalidades desse iluminado Espírito em outros séculos?

Como responder?

Entretanto, quem poderá negar não ter ele se apresentado debaixo de outras roupagens físicas, sempre como o fiel mensageiro envolto por um profundo sentimento de amor a Jesus?

Amor que deveria refletir-se através de abençoados trabalhos em favor da Humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

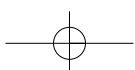
¹ DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 2. ed., Rio de Janeiro. Casa Publicadora Batista, p. 274.

² BRAGA, Ismael G. *O Esperanto na Visão Espírita*. 1. ed., Rio de Janeiro. Sociedade Editora Espírita F. V. Lorenz, capítulo “Hilel”.

³ MIRANDA, Hermínio C. *Reencarnação e Imortalidade*. 4. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 20-21.

⁴ CAMPOS, Humberto de. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, pelo Espírito Humberto de Campos. 28. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, caps. I e II. ■

É interessante salientar, todavia, que o trabalho de D. Henrique não se findaria com sua desencarnação em 1460



A FEB E O ESPERANTO

Fortaleçamos o Movimento Esperantista organizado

Afonso Soares

Renato Corsetti, ativo e consciente esperantista italiano, atualmente na presidência da Associação Universal de Esperanto, pede-nos dar divulgação do texto que abaixo transcrevemos, em tradução, endereçado a todos os que aderiram à causa da Língua Internacional Neutra Esperanto, mas ainda não cerraram fileiras nos serviços do movimento esperantista organizado. Apresentamo-lo, portanto, pela sua oportunidade e utilidade, ao leitor de *Reformador*.

Por uma Comunidade mais vasta

Por que, afinal de contas, eu deveria filiar-me ao clube de Esperanto de minha localidade? à associação esperantista nacional? à associação de minha especialidade ou de meu hobby? à Associação Universal de Esperanto?

Existem, pelo menos, dois bons motivos.

As associações esperantistas, em todos os níveis, trabalham por um mundo melhor, por um mundo onde não haja discriminação lingüística e cultural, numa palavra, por uma “democracia lingüística”.

Se você acha que elas visam a um bom objetivo, então você, com certeza, quererá sustentá-la. Aderindo ao clube local, ou à associação nacional, ou à entidade especializada, ou à organização mundial (até mesmo, eventualmente, a todas elas), você se tornará parte integrante desse Movimento Esperantista Mundial que, há mais de um século, trabalha em favor dos direitos humanos no campo lingüístico em todos os níveis, tentando convencer o mundo de que também no terreno cultural-lingüístico a justiça vale muito mais do que a força.

Ao mesmo tempo, você talvez goste de simplesmente pertencer à comunidade que fala a língua internacional Esperanto; de encontrar outras pessoas que falem o Esperanto; de comprar livros em Esperanto; de viajar a outros países, conhecer seus habitantes e, eventualmente, ser mesmo hóspede de esperantistas locais.

Tudo isso é prático, de forma totalmente natural, pelos membros de associações esperantistas, pois que eles são permanentemente informados sobre revistas, livros, congressos, grupos e páginas da rede mundial, anúncios de correspondência e possibilidade de viagem.

No Brasil, você deve contactar a LIGA BRASILEIRA DE ESPERANTO (Caixa Postal 03625, CEP 70084-970, Tel.: 0xx61 226-1298, Fax 0xx61 226-4446, <http://www.esperanto.org.br>, e-mail: bel@esperanto.org.br, onde colherá detalhadas informações sobre o movimento em sua cidade e em seu Estado.

Ainda através da LIGA, você se informará sobre as condições de adesão à Universala Esperanto-Asocio (Associação Universal de Esperanto), que oferece diversas modalidades de filiação. A UEA tem os seguintes endereços: Nieuwe Binnenweg 176, 3015 BJ Rotterdam, Nederlando; tel.: +31 10 436 1044; fax +31 10 436 1751; <http://www.uea.org>; e-mail: uea@co.uea.org. ■

ESPERANTO

Língua Internacional

Aprendamo-la

Emmanuel

(Extraído da mensagem “A Missão do Esperanto” psicografia de Chico Xavier)



Reencarnação: Processo universal de aplicação da Justiça Divina

Jorge Hessen

As primeiras referências à idéia de reencarnação perdem-se na noite dos evos da História. Temos notícias dela há dois mil e quinhentos anos, nas Upanichades (escrituras sagradas do Hinduísmo), até hoje a maior religião da Índia. Neste mesmo período, Pitágoras¹, filósofo e matemático, grego, nascido por volta do ano 580 a.C., que foi discípulo de Ferecides de Siros – *dizia que a alma era imortal e, depois da morte do corpo, ela ocupava outro corpo (palingenesia)*, às vezes, de um animal (metempsicose) – tese equivocada do matemático de Samos. Pelas fontes históricas,

é a primeira vez que a teoria da reencarnação foi mencionada no Ocidente. Posteriormente, Platão (429-347 a.C.), também filósofo grego, discípulo de Sócrates, ensinava que *a alma nasce muitas vezes, até mesmo durante dez mil anos, e, depois, parte para a bem-aventurança celestial*.

Nos primeiros séculos, muitos grupos cristãos, majoritários, defenderam a palingenesia, especialmente os gnósticos², com sua visão profundamente inteligente do corpo e da matéria em geral. O extraordinário cristão Orígenes³, de Alexandria, defendeu a reencarnação. A partir das suas reflexões, surgiu um grupo sábio de monges que passaram a professar também a doutrina das preexistências. Para os “donos” do poder clerical o chamado “origenis-

mo” tornava-se nefasto e tumultuava, mormente a Palestina. Em face disso, o patriarca da igreja de Jerusalém, no século VI, solicitou ao imperador bizantino Justiniano que intervisse.

O Imperador escreveu um tratado contra Orígenes, e que levou o “dono” da igreja de Constantinopla a reunir aí um sínodo⁴ em 543, que condenou as teses relativas à preexistência da alma e outras posições origenistas. Dez anos depois, em 553, com a aquiescência ambígua do papa Virgílio⁵, o Imperador Justiniano convocou o II Concílio de Constantinopla, no qual, com astuta maquinação, retirou definitivamente a chamada “controvérsia origenista”, mediante eleição espúria que venceu por 3 a 2 votos. E a reencarnação foi definitivamente banida dos preceitos de direito eclesiástico⁶. Lógico! A Igreja estava de-

¹ Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.), filósofo e matemático grego. Seus seguidores, os pitagóricos, que, dos sécs. VI ao IV a.C., organizados em comunidades filosófico-religiosas multiplicadas pela Magma Grécia, constituíram a chamada escola itálica ou escola pitagórica. Define-se o pitagorismo por duas tendências: a místico-moralista, ligada ao orfismo e ao xamanismo, e a filosófico-matemática, de que resultou brilhante acervo de conhecimentos aritméticos, geométricos, astronômicos e acústicos, integrados pelo descobrimento de correspondências numéricas entre as várias ordens de realidade.

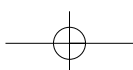
² Diz-se de, ou adepto do gnosticismo, movimento filosófico-religioso surgido nos primeiros séculos da nossa era e diversificado em numerosas seitas, e que visava a conciliar todas as religiões e a explicar-lhes o sentido mais profundo por meio da gnose (conhecimento esotérico e perfeito da divindade, e que se transmite por tradição e mediante ritos de Iniciação).

³ Morreu em 254 d.C., na cidade de Tiro, em virtude da perseguição de Décio, mais conhecido pelo nome de Trajano, o qual era um incansável opositor do Cristianismo.

⁴ Órgão colegiado e permanente do governo eclesiástico das Igrejas do Oriente.

⁵ Virgílio (537-555) nasceu em Roma, de família nobre. Foi eleito graças à simonia, à calúnia e à cumplicidade da Imperatriz Teodora. De caráter débil, foi vítima de chantagens por parte da Imperatriz e do Imperador Justiniano. Morreu em Siracusa, quando voltava a Roma após demorada visita ao Oriente.

⁶ Há quem afirme que foi por influência de





fendendo nesse ato extravagante a doutrina do céu e do inferno e as penas eternas, porque centrava mais poder em suas mãos. E dessa forma a reencarnação foi banida num dos mais graves equívocos cometidos pelo Catolicismo.

Antes disso, no século III o notável Clemente de Alexandria observou em sua obra *Stromata* (Miscelâneas): “A hipótese de Basíledes, um mestre gnóstico, diz que a alma, tendo pecado anteriormente em outra vida, experimenta punição nesta vida.”

Nessa mesma época, Tertuliano, o primeiro autor cristão a escrever em latim, negando a metempsicose, expressa-se muitas vezes sobre o assunto, como nesta passagem: “Quão mais digno de aceitação é o nosso ensino de que as almas irão retornar aos mesmos corpos. E quão mais ridículo é o ensino herdado [pagão] de que o espírito humano deve reaparecer em um cão, cavalo ou pavão!” (*Ad Nationes*, cap. 19). Fica evidente que tanto quanto os espíritas, os sábios da Igreja também não aceitavam a metempsicose.

A tese da metempsicose conflitava a mente de alguns teólogos, questão que a rigor só foi mais bem esclarecida com a advento do Espiritismo. Vejamos o apologistas e historiador Lactâncio, no século IV, expressando pensamento dos seus

Teodora, esposa de Justiniano, que gostaria de ser divinizada, porém por ter sido ex-cortesã mandou matar as antigas colegas (500 mulheres) porque se mostravam orgulhosas por sua antiga “AMIGA” que se havia tornado imperatriz. Os fregueses das meretrizes mortas lançaram à Teodora um anátema: suas próximas 500 reencarnações terminariam sempre de forma trágica. (*se non è vero, è bene trovato*).

contemporâneos cristãos: “Os pitagóricos e estóicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro.” Em outro ponto de sua obra *As Institutas Divinas* ele afirma: “Pitágoras insiste que as almas migram de corpos desgastados pela velhice e pela morte. Ele diz que elas são admitidas em corpos novos e recém-nascidos. Ele também diz que as mesmas almas são reproduzidas ora em um homem, ora em uma ovelha, ora em um animal selvagem, ora em um pássaro... Essa opinião de um homem insensato é ridícula.”

Outro testemunho importante vem do maior teólogo da Igreja antiga do século V, Agostinho. Ele estava familiarizado com as teorias de reencarnação tanto maniqueístas quanto platônicas do seu tempo. Em um comentário sobre *Gênesis*, ele rejeitou como contrária à fé cristã a idéia de que as almas humanas retornavam em corpos de diferentes animais, de acordo com a sua conduta moral (transmigração). Em *A Cidade de Deus* (Livro X, cap. 30), o bispo de Hipona observa que, embora o filósofo neoplatônico Porfírio tenha rejeitado esse conceito ensinado por Platão e Plotino, e não hesitasse em corrigir os seus mestres nesse ponto, ele achava que as almas humanas voltavam em outros corpos humanos. Sobre essa questão – metempsicose – o Espiritismo corrige o equívoco de Pitágoras.

Atualmente, para alguns cristãos, a “prova” da unicidade da vida humana está inserta no capítulo 9 versículo 27 da carta de Paulo aos Hebreus: “(...) aos homens está

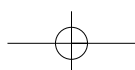
ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo”. Será que Jesus atribuiu para a vida atual um valor decisivo para toda existência posterior à morte? No debate, os convictos da unicidade proclamam a ressurreição, mas acima desse fenômeno sobrenatural é imperioso refletir sobre os casos da filha de Jairo (Mateus, 9:18-26), do filho da viúva de Naim (Lucas, 7:11-17) e do próprio Lázaro (João, 11:1-44), se ambos “ressuscitaram” como crêem tais cristãos, como ficaria a evocação da carta aos Hebreus acima para se negar a reencarnação?

Recordemos que ambos os “ressuscitados” não teriam morrido **uma só vez**. A propósito, nem sequer estavam mortos, apenas acometidos de catalepsia.⁷

Jesus asseverou que a verdade libertaria a homem. Se a verdade (reencarnação) está sendo negada aos cristãos atualmente, fica evidente que estes não se encontram livres, ou, o que é pior, estão algemados aos férreos dogmas humanos, disseminados pelos negadores contumazes do princípio natural da reencarnação, forjadores de uma fé entronizada nos pináculos da ficção, do mito e dos celestes devaneios do imaginário teológico.

Na máxima “nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei” encontramos o mais legítimo processo universal de aplicação dos códigos de Justiça Divina. ■

⁷ Estado em que se observa uma rigidez cética dos músculos, de modo que o paciente permanece na posição em que é colocado. (Observa-se a catalepsia principalmente em casos de demência precoce e de sono hipnótico.)





Esquecimento do passado

Inaldo Lacerda Lima

Na parte segunda, capítulo VII de *O Livro dos Espíritos*, nas questões 392 a 399, os Espíritos Reveladores tratam com muita propriedade e sabedoria do assunto **esquecimento do passado**, que tem levado muita gente a contrapor-se à reencarnação sob o argumento, aparentemente lógico, de que se houvésemos vivido em outras encarnações decerto nos recordaríamos delas. É uma argumentação muito bem aceitável da parte do homem simples, de instrução deficiente, nunca porém de alguém que haja estudado ou alcançado uma cultura relativamente superior.

Duas razões fundamentais existem pelas quais Deus nos tira a lembrança do passado: uma de ordem moral e filosófica, outra de ordem científica. Quanto à primeira, de ordem moral e filosófica, se nos lembrássemos de nossas anteriores encarnações, os nossos atos maus do passado estariam a descoberto, dificultando-nos o progresso e a própria regeneração, ora humilhando-nos singularmente aos olhos de todos, que nos reconheceriam, ora exaltando-nos o orgulho e perturbando-nos as relações sociais, ora fazendo recrudescer ódios e paixões contra os nossos desafetos de ontem, quando a razão principal da

reencarnação, consoante o amor misericordioso de Deus, nosso Pai, se perderia num encapelado mar de novos erros, ódios e vinganças; por outro lado, do ponto de vista científico, isso seria fisiologicamente impossível, porquanto as células ou neurônios que gravaram as nossas ações do passado perderam-se, naturalmente, com o fenômeno da morte física, não tendo as novas células responsáveis por nossa memória condição de expressar os fatos das existências transatas.

Deus é sábio. Tudo pensou e providenciou no sentido de que o processo de nossa evolução não sofresse nenhum efeito de continuidade. Os partidários ou adeptos das religiões dogmáticas inspiradas no Cristianismo têm uma outra argumentação, que é a crença, infamante contra Deus, da eternidade das penas. Seguindo seus dogmas, não percebem suas contradições com o Evangelho do Cristo. Uma delas repousa no fato de ter o Cristo – em nome de Deus, é óbvio – mandado que se perdoasse não sete vezes como insinuara o apóstolo Simão, mas setenta vezes sete vezes e, no entanto, Ele, Deus, não ter condição de perdoar àqueles que erram por imperfeição, durante o processo evolutivo!...

É importante, pois, que o espírito esteja sempre atento ao conhecimento e reflexões daquelas citadas questões de *O Livro dos Espíritos*.

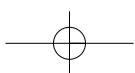
Ele verificará que o nosso iluminado e sábio Codificador argumentava bastante com os Espíritos, não que ele, Kardec, se sentisse insatisfeito com as instruções espirituais recebidas, mas pensando, sobretudo, em nós outros, os “Tomés” da atualidade!

Observemo-lo, por exemplo, na questão de número 393: “*Como pode o homem ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu?*” E numa resposta pacientemente longa tudo eles procuraram elucidar com sabedoria: “Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde o seu mérito se se lembrasse de todo o passado? (...)”

Realmente, é sobretudo na vida espírita que o Espírito tem condição de avaliar sua própria conduta na vida física e aquilatar sobre os equívocos cometidos, o que lhe permitirá condições de premunir-se contra tais equívocos nas próximas encarnações.

Leia o leitor as questões mencionadas, algumas muito longas como as de número 394 e 399, e, não temos dúvida, entenderá o *esquecimento do passado* como verdadeira bênção de nosso Pai celestial.

Não é difícil, entretanto, ao espírita atento ajuizar de seu passado através das tendências que o acom-





panham, no atual estágio encarnatório. É importante discernir quanto a elas, se boas, se más. As boas tendências devem ser sempre realimentadas e aperfeiçoadas, enquanto as más, veementemente combatidas.

A questão 399 esclarece, através do comentário do Codificador, que não nos podem ser reveladas as existências futuras; obviamente, porém, depende de nosso esforço fazê-las sempre melhor e mais

agradáveis. Efetivamente, esquecido do passado, o homem é mais senhor de si mesmo, consoante o atesta a questão 392, em sua logicidade.

Aliás, o esquecimento do passado só ocorre durante a vida corpórea, pois, volvendo à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado, conforme se expressa Allan Kardec no capítulo V de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, afirmando de modo enfáti-

co: “*E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde (...).*”

Eis que, prezado irmão e amigo leitor, estudar bastante é uma exigência imperiosa da necessidade de melhor conhecer a Doutrina que temos a graça venturosa de tê-la aceitado um dia. Assim, perceberemos com mais constante aproveitamento e profundidade toda a sua grandiosidade e sabedoria. ■

Boa vontade

O Sol é a força que nutre a vida na Terra. A boa vontade é a luz que alimenta a harmonia entre as criaturas.

Acendamo-la no coração para caminhar com segurança e valor.

No lar, é chama atraente e doce.

Em sociedade, é fonte de concórdia e alegria.

Onde falta o dinheiro e onde o poder humano é insignificante, realiza milagres.

Ao alcance de todos, não a desprezemos.

Em todos os lugares, há chagas que pedem bálsamo, complicações que rogam silêncio, desventuras que esperam socorro e obstáculos que imploram concurso amigo.

Muitos aguardam lances públicos de notabilidade e inteligência, no cultivo da caridade, acabando vencidos pelo tempo, entre a insatisfação e o desencanto.

Sejamos nós soldados diligentes no exército do bem, anônimos e humildes, atravessando os dias no culto fiel à fraternidade.

O ódio e a ignorância guerreiam com ímpeto, conquistando no mundo o salário da miséria e da morte.

O amor e o serviço lutam sem alarde, construindo o progresso e enaltecendo a vida.

Com a boa vontade, aprendemos a encontrar o irmão que chora, o companheiro em dificuldade, o doente infeliz, a criança desamparada, o animal ferido, a árvore sem proteção e a terra seca, prestando-lhes cooperação desinteressada, e é por ela que podemos exercitar o dom de servir, através das pequeninas obrigações de cada dia, estendendo mãos fraternas, silenciando a acusação descabida, sofrendo a agressividade e calando a palavra imprudente.

Situemo-la no princípio de todas as nossas atividades, a fim de que as nossas iniciativas e anseios, conversações e entendimentos não se desviem da luz.

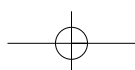
Lembremo-nos de que a paz e a boa vontade devem brilhar em nossos triunfos maiores ou menores com o nosso Divino Mestre.

É por isso que o Evangelho no berço de Jesus começa com a exaltação inesquecível das milícias celestiais:

– “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens.”

Meimei

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções Psicofônicas, Diversos Espíritos*. 7. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 45, p. 207-208. ■





Passe

Em reuniões públicas é ele obrigatório?

Gebaldo José de Sousa

“Esclarecer os companheiros quanto à inconveniência da petição de passes todos os dias, sem necessidade real, para que esse gênero de auxílio não se transforme em mania.

É falta de caridade abusar da bondade alheia.”¹

Não! O passe não é obrigatório, respondem os Espíritos, na passagem citada e em muitas outras. Mas é utilizado como se o fosse.

Os que se habituem ao passe nas reuniões públicas buscam apenas a cura do corpo, por condicionados às soluções exteriores.

E por outras duas razões. Estas, de nossa responsabilidade. A primeira delas como consequência de chegarem às Casas Espíritas, em geral, enfermos. Ali, recebem, no tratamento espiritual, o passe, a água fluidificada e a desobsessão. É essa a correta terapia espiritual. A cura ou o alívio de seus males pode induzi-los ao hábito do passe.

A segunda razão é a de que nem sempre se orientam os pacientes sobre que, concluído o tratamento,

é-lhes dispensável o passe magnético; mas que lhes é imprescindível:

- a) – Continuar assistindo às “Reuniões Públicas”;
- b) – Estudar a Doutrina Espírita, inscrevendo-se em cursos; e
- c) – Inscrever-se nas atividades de assistência social.

Estas duas últimas opções (estudo e trabalho) levam-nos à reforma interior, que é a cura efetiva, pois, como afirma o Divino Mestre, a Verdade liberta. Tanto isso é real que não se vêem contumazes recebedores de passes entre aqueles que fizeram o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita; ou outros cursos; ou, ainda, que são estudiosos.

Há quem estimule os presentes a receberem passes indefinidamente. Em alguns Centros Espíritas até fecham a porta de saída, forçando a passagem pela sala de passes... Assim agindo, deixam a impressão de que há obrigatoriedade na recepção de passes. O que, repetimos, não é verdade.

No artigo “O Passe nas Casas Espíritas”, em *Reformador* de maio/96, escrevemos:

“Observamos que na maioria das Casas Espíritas não há orientação adequada quanto à utilização do passe. Ele é ministrado a todos os frequentadores, indistintamente; de forma que, sobretudo

os novatos, entendem que, ao ouvirem uma exposição espírita, devem após, sempre, receber o benefício do passe. Habitua-se, anos a fio, a recebê-lo uma ou mais vezes por semana.

Os que se tornam trabalhadores do Centro ficam com o hábito não só de tomar os seus passes diários – chegando a (...) recebê-los após aplicá-los –, mas com o de induzir todos a recebê-los. Há os que ainda requisitam ‘passe especial’... Como se houvesse uma escala de valores para os passes, uns diferentes dos outros: o ‘comum’ e o ‘especial’. (...)

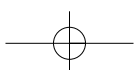
É claro que não se vai impedir alguém de receber o passe, mas todos devem ser orientados adequadamente.

Nas reuniões públicas, antes do início da transmissão dos passes, a orientação deve ser repetida, pois que há sempre frequentadores novos, a cada reunião.”

Jesus nos afirma que “(...) os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes.” (Lucas, 5:31.) Por que receber o passe, se estamos física e mentalmente bem?

No Editorial do Informativo *O Trabalhador Espírita* de maio/2000, o então Presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, Umberto Ferreira, alerta:

¹VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita*, Pelo Espírito André Luiz, cap. 28, 18ª ed., FEB, Rio de Janeiro, 1995.





“O livro *Orientação ao Centro Espírita* – escrito após amplas discussões nos Estados, em reuniões regionais e, finalmente, em reunião do Conselho Federativo Nacional, juntamente com a FEB – proporciona aos centros espíritas orientações adequadas sobre como conduzir as suas diversas atividades.

Com relação às reuniões públicas em que se realiza a aplicação de passes, recomenda o livro que se encerre primeiro a reunião pública e deixe um pequeno intervalo para que as pessoas que vieram somente para ouvir a palestra possam retirar-se.

Em seguida, o passe é aplicado nas pessoas interessadas ou necessitadas. Essa orientação é sábia porque separa a função de educandário – que instrui, esclarece, educa – da de hospital – que alivia ou cura.

Muitos centros, no entanto, preferem desenvolver as duas atividades numa única reunião. Portanto só fazem a prece de encerramento após o término dos passes ou trabalhos de cura.

Uma das conseqüências desse tipo de reunião é a de estimular todos os presentes a tomarem passes todos os dias em que comparecem às reuniões públicas, já que têm que aguardar a prece final. (Grifamos.)

É importante enfatizar que este modelo de reunião que inclui o passe na reunião de estudo (ainda que sob a forma de palestras evangélicas) não está previsto nas obras básicas.”

Portanto, o ideal é que se adote o modelo sugerido pelo opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, elaborado com a participação das Federações Espíritas Estaduais – via Conselho Federativo Nacional –, sob a coordenação da FEB.

Nele, ela é indicada, dentre as que são públicas, com o nome de “Reunião de Assistência Espiritual”. E, talvez por isso, não a identifiquem como a vulgarmente conhecida “Reunião Pública”.

Mas esse opúsculo, pouco conhecido e estudado, é, menos ain-

da, aplicado, sobretudo por dirigentes de Casas Espíritas.

O que é uma pena, porque conhecê-lo e aplicá-lo é um dos meios de favorecer a Unificação do Movimento Espírita brasileiro!

Um dos objetivos da Doutrina Espírita é o de despertar as criaturas para a função dinâmica, transformadora do Evangelho, que é a de curar o Espírito.

Consentir que as pessoas prosigam cultivando religião por hábito, sem mudanças interiores, permanecendo com os braços cruzados e as mentes atrofiadas, é sacrilégio inominável. É omissão pela qual responderemos.

É contribuir para que permaneçam à margem do manancial imenso de verdades eternas contidas na Doutrina Espírita, e prossigam sedentas de luz, limitando-se a buscar a cura para o corpo.

Cabe-nos, pois, fugir à acomodação, estudar e trabalhar, para sermos fiéis ao Divino Mestre, despertando-nos para a Verdade que a todos nos liberta. ■



Todos os homens têm fome

Conceição Almeida

Este tema parece novo diante da mudança política de nosso país.

Fala-se a todo o momento em fome zero, parecendo-nos que em nosso mundo nunca tivemos a chaga da fome a rondar a Humanidade. Todos se mobilizam no ideal maior de saciar a fome dos corpos, ação mais do que justa. Qual o nosso papel, como espírita, neste movimento não tão atual como pode parecer, mas com certeza preocupante?

Pedro de Camargo, mais conhecido pelo pseudônimo “Vinícius”, em uma de suas obras, *O Mestre na Educação*, dedica uma página a este tema, que inicia citando a obra *Plenitud*, de Amado Nervo, no capítulo intitulado “**Todos têm fome**”, tecendo os seguintes comentários acerca da precariedade humana:

“Bem sabes que neste orbe, todos têm fome: fome de pão, fome de luz, fome de paz, fome de amor.

Este é o mundo dos famintos. A fome de pão, melodramática e ruidosa, é a que mais comove, porém não é a mais digna de consideração.

Que me dizes, por exemplo, da fome de amor? Que me dizes, da quele que deseja que o queiram, e

passa pela vida, sem que ninguém lhe conceda uma migalha de carinho?

E o faminto de luz? Imagina a fome de um pobre Espírito que anseia por conhecimentos e se choca sempre contra o granito que serve de pedestal à Esfinge?

E a fome de paz que atormenta o peregrino inquieto, forçado a sangrar os pés e o coração por invios caminhos?

Todos os homens têm fome, e todos nós estamos, por isso, em condições de exercer a caridade. Aprende, pois, a conhecer a fome do que te procura, tomando sempre em consideração esta advertência: com exceção da fome de pão, todas as demais se escondem. Quanto mais angustiosas mais ocultas.” (Destaque nosso.)

Vinícius observa a sabedoria dessas palavras, e adverte-nos quanto aos diferentes tipos de fome: “(...) Notemos que a fome do corpo é uma, enquanto a do Espírito assume várias modalidades, cada qual a mais dolorosa e de efeitos mais alarmantes e extensivos. A fome de pão restringe-se ao indivíduo, não contamina terceiros, enquanto que as diversas espécies de fome espiritual generalizam suas conseqüências comprometendo a coletividade.” Destaca nesse estudo as diversas tragédias que ocorrem na sociedade, envolvendo assassinatos, suicídios e todo tipo de violência; o que nos parece tão atual ao folhear-

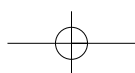
mos os jornais e revistas ou ao assistirmos ao noticiário na TV. E continua em sua página: “Como se explica, ou melhor, qual a causa de tais tragédias? Incontestavelmente a causa está na carência de luz, na miséria espiritual que lavra na sociedade em que vivemos; está, positivamente, no descaso em que permanece a educação dos sentimentos, a formação do caráter e da consciência moral do indivíduo (...).”¹

Nós, espíritas, muito temos buscado através das obras sociais amparar nossos irmãos em jornadas redentoras, acudindo a fome de pão, o frio do corpo, levando a palavra de consolo e esclarecimento.

Como podemos ser mais atuantes diante dos conhecimentos que nos são trazidos, constantemente, alertando-nos sobre o nosso papel nos dias atuais de renovação?

Emmanuel, no livro *O Consolador*, em resposta à questão 255 nos esclarece: “Não podemos desprezar a caridade material que faz do Espiritismo evangélico um pouso de consolação para todos os infelizes; mas não podemos esquecer que as expressões religiosas sectárias também organizaram as edificações materiais para a caridade no mundo, sem olvidar os templos, asilos, orfanatos e monumentos. Todavia, quase todas as suas obras se desvirtuaram, em vista do esquecimento da iluminação dos Espíritos encarnados.”

.....





“As obras da caridade material somente alcançam a sua feição divina quando colimam a espiritualização do homem, renovando-lhe os valores íntimos, porque, reformada a criatura humana em Jesus-Cristo, teremos na Terra uma sociedade transformada, onde o lar genuinamente cristão será naturalmente o asilo de todos os que sofrem.

(...) o serviço de cristianização sincera das consciências constitui a edificação definitiva, para a qual os espiritistas devem voltar os olhos, antes de tudo (...).”²

A propósito de tal assunto, Bezerra de Menezes nos fala: “Quando um Lar de amor cristão se abre, na Terra, fecham-se os presídios punitivos e as casas de reeducação. O Lar cristão para a comunidade é o templo-escola, o santuário-domicílio onde as almas se albergam, encontrando renovação e paz.” (Página do livro *Compromissos Iluminativos*, psicografado por Divaldo Pereira Franco.)

Nesta cruzada da fome marchemos para saciar mais do que nunca a fome de luz, de paz e de amor. Os caminhos para a caridade são inúmeros, vamos arregaçar nossas mangas e aceitemos o convite de Joanna de Ângelis que nos convoca, em seu livro *Alerta*, ao **Desafio à Caridade**:

“Sempre que o tema da caridade seja trazido a considerações, recorda que ela é a luz da razão, mantida pelo combustível do sentimento, a projetar claridade pelo caminho em sombras de quem avança em sofrimento ou limitação. (...) Mais se engrandece a caridade, quanto mais difícil se apresenta a circunstância pelo praticá-la. (...) Transcendendo às doações materiais

– que são, igualmente, suas manifestações respeitáveis – sublima-se, santificando quem se propõe vivê-la, na área dos contributos morais.”³

Todos os homens continuam com fome. Fica aqui um convite às famílias espíritas, para que cada uma possa adotar um lar onde haja fome de luz, de paz e de amor.

“(…) O problema humano encontrará a sua solução no problema da infância e da juventude, pois, na criança, ‘existe tudo’.

Educar a infância é semear bom grão; é preparar uma nova sociedade, é criar um novo mundo onde habitará a justiça; onde reinará a solidariedade, garantindo o pão para todas as bocas, e a fraternidade, a todos oferecendo ensejo de revelar suas capacidades (...). O Espiritismo, tendo por escopo principal promover a transformação do indivíduo, não pode permanecer por mais tempo alheio ao processo cuja eficácia é indiscutível na melhoria individual e social: a educação que, iniciada na infância, se transforma, no adulto, em auto-

-educação, realizando o sábio imperativo evangélico: Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está nos céus.”⁴

Continuemos a luta no trabalho de combate à fome de sentimentos.

“Caridade resulta da irradiação do amor, que jamais se exaure. (...) Caridade para com todos, mediante uma revolução íntima de superação pessoal.”⁵

Caridade para com todos, mediante uma revolução íntima de superação pessoal.”⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ CAMARGO, Pedro de (Vinícius). *O Mestre na Educação*. 6. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997, cap. 25, p. 107-108.

² XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel. 23. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2001, questão 255, p. 151-152.

³ FRANCO, Divaldo Pereira. *Alerta*, pelo Espírito Joanna de Ângelis. 3. ed., Salvador-BA – LEAL, 1981.

⁴ CAMARGO, Pedro de (Vinícius). *O Mestre na Educação*. 6. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1997, cap. 25, p. 110-111.

⁵ FRANCO, Divaldo Pereira. *Alerta*, pelo Espírito Joanna de Ângelis. 3. ed., Salvador-BA – LEAL, 1981. ■

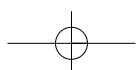
RETORNO À PÁTRIA ESPIRITUAL

Ana Fuentes de Cardona

Desencarnou na cidade de Cartagena, Colômbia, em 8 de agosto deste ano, a Sra. Ana Fuentes de Cardona, incansável e entusiasmada trabalhadora da Seara Espírita, cuja ação foi além das fronteiras colombianas, estendendo-se a outros países latino-americanos. Respeitada por seu exemplo e fidelidade à Doutrina, exerceu salutar influência na organização e consoli-

dação do Movimento Espírita da Colômbia, hoje coordenado pela Confederação Espírita Colombiana (CONFECOL).

Amiga da Federação Espírita Brasileira, participou, em 1984, do I Curso Internacional de Evangelizadores Espíritas, chefiando a delegação da Colômbia. Em seu retorno à Pátria Espiritual, estamos certos de que será recepcionada pelos Benfeitores que agem em nome de Jesus. ■



Referência passo a passo

– | –

O livro por inteiro

Geraldo Campetti Sobrinho

É comum que estudantes, pesquisadores, profissionais, autores, editores e leitores de modo geral apresentem dúvidas quanto ao processo de elaboração de uma referência bibliográfica, eletrônica ou de documentos em outros formatos.

Aliás, prezado leitor, você sabe o que significa essa “ilustre desconhecida” denominada *referência*?

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) definiu em sua Norma Brasileira (NBR) 6023/2002 que a *referência* é “a representação dos documentos efetivamente citados no trabalho”. A NBR 14724/2002 registra que as referências são um “conjunto padronizado de elementos descritivos retirados de um documento, que permite sua identificação individual”.

Ao referenciar um documento – seja livro ou folheto (monografia), seja periódico (revista, jornal, boletim, anuário, entre outros), seja endereço na Internet (URL) ou um documento em qualquer outro tipo de suporte – tem-se como objetivo *identificar* o documento que foi citado no texto e, extensivamente, aquele utiliza-

do como base para o desenvolvimento de uma idéia ou argumentação. Neste caso, devemos denominar de “obras consultadas” ao invés de “referências bibliográficas”.

Vejamos como se faz uma referência.

Referência do Livro por Inteiro

Para a identificação de um livro, é necessário citar alguns elementos obrigatórios na seqüência recomendada pela norma. Esses elementos para citação de um *livro como um todo* são os seguintes, impreterivelmente na ordem abaixo:

1. *Autor*: iniciar pelo nome principal, ou sobrenome, em caixa alta, seguido de vírgula e do(s) prenome(s). Ex.: MIRANDA, Hermínio C.

2. *Título*: citar o nome do livro em itálico apenas com a primeira inicial em caixa alta e iniciais de nomes próprios. Ex.: *Nas fronteiras do além*.

3. *Subtítulo*: incluí-lo imediatamente após o título, antecedido de dois pontos.

4. *Edição*: registrar o número da edição, a partir da segunda, seguido de ponto e da abreviatura ed. Não é necessário indicar a primeira edição. Ex.: 2. ed.

5. *Local de edição*: cidade em que o livro foi publicado seguido de dois pontos. Quando a cidade não for conhecida nacionalmente, citá-la seguida de vírgula e da abreviatura do estado a que pertence. Exs.: Rio de Janeiro;; Niterói, RJ;; São Paulo;; Salvador, BA:.

6. *Editora*: nome da editora de forma abreviada seguido de vírgula. Exs.: FEB;; LEAL,.

7. *Data*: ano de publicação do livro seguido de ponto. Ex.: 2000.

8. *Páginas*: número total de páginas numeradas do livro seguido de espaço e da abreviatura p. Ex.: 284 p. Este elemento é opcional.

Caso o livro seja psicografado, basta citar em primeiro lugar o nome do médium. Ex.: XAVIER, Francisco Cândido. Em seguida, o título do livro e, logo após, registram-se os seguintes dados como no exemplo: Pelo Espírito Emmanuel. As demais informações referem-se aos campos já mencionados.

Veja a seguir alguns exemplos de referências bibliográficas de livros identificados no todo.

Livros não psicografados:

BÉRNİ, Duílio Lena. *Brasil, mais além*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. 306 p.



BEZERRA de Menezes: ontem e hoje. Rio de Janeiro: FEB, 2000. 236 p.

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. *Biblioteca espírita*: princípios e técnicas de organização e funcionamento. Rio de Janeiro: FEB, 1996. 103 p. il.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*, ou, guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental. 70. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. 488 p.

Observe:

- 1) a organização das referências está em ordem alfabética dos nomes de autores. Quando não há identificação de autoria, a entrada é realizada pelo título, cuja primeira palavra significativa é maiúscula, mantendo-se a seqüência alfabética;
- 2) apenas por questão estética, recomenda-se diminuir o tamanho da fonte do nome principal em um ponto, a fim de que as letras maiúsculas (caixa alta) fiquem mais discretas. O espaçamento entrelinhas da referência é simples; entre uma referência e outra deixar meio ponto líquido de espaçamento, conforme modelo anterior;
- 3) grau de parentesco não é nome principal. Neste caso deve citá-lo após o sobrenome. Ex.: Filho, Júnior, Neto, Sobrinho;
- 4) a indicação de que a obra é ilustrada pode ser anotada com a abreviatura il.;
- 5) apenas o título principal é destacado em itálico (preferimos o itálico ao negrito e sublinhado por ser mais discreto); o subtítulo,

quando houver, é em letras normais (redondo).

Livros psicografados:

FRANCO, Divaldo Pereira. *Tormentos da obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador, BA: LEAL, 2001. 324 p.

XAVIER, Francisco Cândido. *Auta de Souza*. Pelo Espírito Auta de Souza. 7. ed. Araras, SP: IDE, 1993. 127 p. il.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. 188 p.

Observe ainda que:

- 1) quando a obra possui mais de um autor, cita-se o primeiro e, antecedido de ponto-e-vírgula, cita-se o segundo autor.

2) a atualização da norma 6023/2000 eliminou o recuo a partir da segunda linha da referência.

3) A norma não faz referência à entrada por autor espiritual. Essa entrada é atribuída pelo Código Anglo-Americano de Catalogação em sua segunda edição (AACR-2), reconhecendo-se a autoria intelectual da obra ao Espírito. Neste caso, cita-se o nome do autor espiritual e a palavra espírito entre parênteses, destacada em itálico. Ex.: LUIZ, André (*Espírito*).

Essa tal de referência bibliográfica não é nada assim do “outro mundo”, ou é?

No próximo artigo, vamos aprender a fazer referências bibliográficas com a identificação do livro em parte, como a citação de um capítulo, por exemplo.

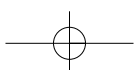
Confira!...

Assembléia Geral Extraordinária Aviso aos Sócios Efetivos da FEB

Em face do que determina o novo Código Civil brasileiro, já em vigor desde janeiro do corrente ano, a Federação Espírita Brasileira fará realizar uma Assembléia Geral Extraordinária para reforma do seu Estatuto, que ocorrerá no dia 25 de outubro de 2003, às 14 horas, em sua Sede Seccional à Av. Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ, para a qual estamos convidando todos os sócios efetivos.

A proposta de alteração do Estatuto, que será submetida à consideração da Assembléia Geral Extraordinária, ficará à disposição de todos os sócios efetivos da Federação Espírita Brasileira e poderá ser obtida junto a sua Secretaria Geral, com contato através do telefone: (21) 2589-6020, ramal 224.

A Diretoria





PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Intervenção da Ciência no Espiritismo

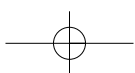
A intervenção das corporações científicas é um dos argumentos invocados incessantemente pelos adversários do Espiritismo. Por que não se apropriaram do fenômeno das mesas girantes? Se nele tivessem visto algo de sério, dizem, não se poriam em guarda contra fatos tão extraordinários e, muito menos, os tratariam com desprezo, ao passo que agora são todas contra vós. Não são os cientistas o feixe de luz das nações e não será seu dever espalhá-lo? Por que quereis que eles o abafassem, quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelarem ao mundo uma força nova?

Em primeiro lugar, é um erro muito grave afirmar que todos os cientistas estejam contra nós, considerando-se que o Espiritismo se propaga justamente na classe esclarecida. Só existem cientistas na ciência oficial e nos corpos constituídos. Pelo fato de o Espiritismo não desfrutar ainda dos direitos de cidadania no âmbito da ciência oficial, poder-se-ia prejudicar a questão? É conhecida a circunspeção daquela em relação às idéias novas. Se a ciência jamais se tivesse enganado, sua opinião poderia pesar na balança; a experiência, infelizmente, pro-

va o contrário. Não repeliu como quimeras uma imensidão de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Por isso deve-se concluir que os sábios sejam ignorantes? Isso justifica os epítetos triviais à custa do mau gosto que certas pessoas se aprazem em prodigalizar-lhes? Não, certamente. Não há ninguém de bom senso que não faça justiça aos sábios, embora reconhecendo que não são infalíveis e que seu julgamento, assim, não representa a última instância. Seu erro é resolver certas questões um pouco levemente, confiando demasiado em suas luzes, antes que o tempo se tenha pronunciado, e expondo-se, desse modo, a receber os desmentidos da experiência.

Cada um só tem competência para julgar o que conhece. Se quisermos construir uma casa, chamaremos um músico? Se estivermos doentes, seremos tratados por um arquiteto? Se tivermos um processo, buscaremos a opinião de um dançarino? Enfim, se se tratar de uma questão de teologia, pediremos a sua solução a um químico ou a um astrônomo? Não; cada qual no seu ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que podemos manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm como agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm como agente inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbí-

trio, e de modo algum se submetem aos nossos caprichos; escapam, dessa forma, aos nossos processos anatômicos e laboratoriais, bem como aos nossos cálculos e, assim, não são da competência da ciência propriamente dita. A ciência se enganou ao querer experimentar os Espíritos como se o fizesse a uma pilha voltaica; partiu de uma idéia fixa, preconcebida, à qual se aferra, e quer forçosamente ligá-la à idéia nova. Fracassou, e assim devia acontecer, porque agiu tendo em vista uma analogia que não existe. Depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo diariamente se encarrega de reformar, como reformou tantos outros, e aqueles que o pronunciaram muito se envergonharão por haverem levemente assumido uma falsa posição contra o poder infinito do Criador. Assim, pois, as corporações científicas não devem, nem jamais deverão pronunciar-se sobre o assunto; ele não é da sua alçada, assim como também não o é o direito de decretar se Deus existe. É, pois, um erro constituir-las em juiz. Mas quem será o juiz? Os Espíritos se julgam no direito de impor as suas idéias? Não; o grande juiz, o juiz soberano, é a opinião pública. Quando essa opinião se formar pela aquiescência das massas e dos homens esclarecidos, os cientistas oficiais a aceitarão como indivíduos e sofrerão a força das





circunstâncias. Deixai passar uma geração e, com ela, os preconceitos do amor-próprio que se obstina, e veremos ocorrer com o Espiritismo o mesmo que aconteceu com tantas outras verdades combatidas que atualmente seria ridículo pôr em dúvida. Hoje, os crentes são chamados de loucos; amanhã será a vez dos que não crêem, exatamente como outrora eram tratados de loucos os que acreditavam que a Terra girasse, o que não a impediu de girar.

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo. Alguns fizeram o seguinte raciocínio: Não há efeito sem causa, e os mais vulgares efeitos podem abrir caminho aos maiores problemas. Se Newton houvesse menosprezado a queda de uma maçã; se Galvani tivesse repellido a sua doméstica, tratando-a de louca e de visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda estivéssemos procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno designado sob o burlesco nome de dança das mesas não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e talvez encerre alguns desses segredos da Natureza que revolucionarão a Humanidade, quando possuímos a sua chave. Além disso, eles disseram: Desde que tanta gente se ocupa de tais fatos e desde que homens muito sérios os estudaram, é porque existe alguma coisa; uma ilusão, uma loucura, se quisermos, não pode ter esse caráter de generalidade; poderá seduzir um círculo, um grupelho, mas não fará a volta ao mundo.

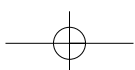
Eis principalmente o que nos dizia ilustre doutor em Medicina,

incrédulo até pouco tempo atrás e hoje fervoroso adepto:

“Dizem que os seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes da invenção do microscópio suspeitávamos da existência dessa miríade de animálculos que causam tanta devastação na economia? Onde a impossibilidade material da existência, no espaço, de seres que escapam aos nossos sentidos? Alimentaríamos, por acaso, a ridícula pretensão de tudo saber e dizer a Deus que ele não mais nos pode ensinar? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em relação com os homens, devem representar um papel no destino e nos acontecimentos. Quem sabe se não serão uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas que não suspeitamos? Que novo horizonte se abre ao nosso pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo invisível seria bem diversa daquela dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta: seria uma completa revolução nas idéias. Quanta luz daí pode jorrar! Que de coisas misteriosas seriam explicadas! Os que assim acreditam são ridicularizados. Mas o que isso prova? Não aconteceu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido duramente, coberto de desgostos e tratado como insensato? Disseram que essas idéias são tão estranhas que a razão as recusa. Há somente meio século teríamos rido de quem tivesse dito que em apenas alguns minutos seria possível corresponder-nos de um extremo a outro do mundo; que em algumas horas atravessaríamos a França; que com o vapor

exalado de um pouco de água em ebulição um navio navegaria contra o vento; que da água seriam tirados os meios de iluminar e de aquecer. Propusesse alguém uma maneira de iluminar Paris inteira em um minuto, com uma única fonte de substância invisível, e o teriam enviado ao hospício. Haveria, então, mais prodígio em se imaginar fosse o espaço povoado de seres pensantes que, após terem vivido na Terra, nela deixaram o seu invólucro material? Não encontraríamos nesse fato a explicação de uma infinidade de crenças que remontam à mais alta Antigüidade? Não seria a confirmação da existência da alma, de sua individualidade após a morte? A prova da origem da própria religião? Entretanto, só vagamente nos diz a religião em que se tornam as almas, enquanto o Espiritismo o define. A tudo isso, que podem argumentar os materialistas e os ateus? Semelhantes coisas merecem ser aprofundadas.”

Eis aí as reflexões de um cientista, mas de um cientista desprezioso. São, também, as de uma significativa parcela de homens esclarecidos que refletiram, estudaram seriamente e sem idéias preconcebidas e tiveram a modéstia de não dizer: Não compreendo, portanto isso não existe. Sua convicção formou-se pela observação e no recolhimento. Se tais idéias fossem quimeras, seria possível imaginar que tantas pessoas de escol as tivessem adotado? Que durante tanto tempo tivessem sido vítimas de uma ilusão? Não há, pois, nenhuma impossibilidade material à existência de seres para nós invisíveis e que povoam o espaço. Somente essa consideração deveria fazer-nos agir com um pou-





co mais de circunspeção. Até algum tempo atrás, quem teria pensado que uma gota de água límpida pudesse conter milhares de seres vivos, de uma pequenez que confunde a nossa imaginação? Ora, à razão era mais difícil conceber seres assim tão sutis, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles a quem chamamos de Espíritos.

Perguntam os adversários por que motivo os Espíritos, que se deveriam empenhar em fazer prosélitos, não se prestam melhor ao trabalho de convencer certas criaturas, cuja opinião teria grande influência. Acrescentam que os acusamos de falta de fé e a isto respondem, e com razão, que não podem acreditar por antecipação.

É um erro pensar que a fé seja necessária; mas a *boa-fé* é outra coisa. Há cépticos que negam até a evidência, e os próprios milagres não os convenceriam. Há mesmo os que ficariam muito aborrecidos de serem forçados a crer, pois o seu amor-próprio sofreria ao reconhecerem que se enganaram. O que responder a certas pessoas que, em toda parte, não enxergam senão charlatanismo e ilusão? Nada. É preciso deixá-las em paz e dizerem, enquanto quiserem, que nada viram e, até mesmo, que nada lhes pudemos fazer ver. A par desses cépticos endurecidos, há os que querem ver a seu modo; aqueles que, formada uma opinião, a ela tudo querem submeter, por não compreenderem a existência de fenômenos que não lhes obedecem à vontade. Ou não sabem, ou não querem dobrar-se às condições necessárias. Se os Espíritos não demonstram tanto zelo em os con-

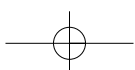
quistar por meio de prodígios é porque no momento, pelo menos aparentemente, pouco interesse têm em convencer certas pessoas, cuja importância não medem como elas próprias o fazem. Precisamos convir que é pouco lisonjeiro, mas não lhes governamos a opinião. Os Espíritos têm uma maneira de julgar as coisas que nem sempre é a nossa; vêem, pensam e agem de acordo com outros elementos. Enquanto nossa vista é circunscrita pela matéria, limitada pelo estreito círculo em meio ao qual nos achamos, eles tudo abraçam; o tempo, que nos parece tão longo, para eles é um instante, e a distância, nada mais que um passo; certos detalhes, que nos parecem de extrema importância, a seus olhos não passam de infantilidades, ao passo que julgam essenciais certas coisas cujo alcance não apreendemos. Para os compreender é preciso nos elevemos, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral e nos coloquemos sob o seu ponto de vista. A eles não compete descer até nós: nós é que devemos subir até eles, conduzidos pelo estudo e pela observação. Os Espíritos apreciam os observadores assíduos e conscienciosos, para os quais multiplicam as fontes de luz; o que os afasta não é a dúvida originada da ignorância, mas a fatuidade desses pretensos observadores que nada observam, que aspiram a pô-los em xeque e manobrá-los como marionetes. É sobretudo o sentimento de hostilidade e de descrédito que trazem, sentimento que está na mente, quando não nas palavras, malgrado os protestos em contrário. Para estes nada fazem os Espíritos, muito pouco se importando com o que possam dizer ou

pensar, porque chegará a sua vez. Eis por que dissemos não ser a fé necessária, mas a boa-fé.

Ora, perguntamos se os nossos sábios adversários estarão sempre nessas condições. Querem os fenômenos às suas ordens, mas os Espíritos não lhes obedecem o comando: destes é necessário esperar a boa vontade. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e acreditarei; é preciso ter vontade e perseverança, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem querer forçá-los ou dirigi-los. Aquilo que desejardes será precisamente o que não haveis de obter, mas outros se apresentarão, e aquilo que desejais virá provavelmente no momento em que menos esperais. Aos olhos do observador atento e assíduo surge uma multidão de fenômenos, que se corroboram reciprocamente. Mas aquele que imagina ser suficiente girar a manivela para movimentar a máquina, engana-se redondamente. Que faz o naturalista que deseja estudar os costumes de um animal? Ordena-lhe fazer tal ou qual coisa para se dar ao prazer de o observar à vontade, e de acordo com a sua conveniência? Não, pois sabe perfeitamente que não será obedecido. Em vez disso, *espia* as manifestações espontâneas de seu instinto; espera-as e as surpreende de passagem. O simples bom senso nos mostra, com mais forte razão, que assim deve acontecer com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

Allan Kardec

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)*, junho, 1859. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■





O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso

Parte III (final)

Silvio Seno Chibeni

7. O aspecto religioso do Espiritismo¹

Do mesmo modo como tem havido falta de compreensão acerca do caráter científico do Espiritismo e de suas relações com as ciências, seu caráter religioso e suas relações com as religiões também têm constituído ponto de freqüentes confusões. Assim como se pode mostrar ser o Espiritismo científico, embora não se inclua entre as ciências ordinárias, por estudar um domínio diverso de fenômenos, pode-se, conforme o fez o próprio Kardec, mostrar que o Espiritismo é religioso, embora não se confunda com as religiões ordinárias. Se no estabelecimento da primeira dessas teses é necessário identificar corretamente que características de uma teoria a tornam científica, temos, para justificar a segunda, que estabelecer critérios adequados para a classificação de uma doutrina no âmbito religioso.

A palavra *religião* evoca, por sua origem, à idéia da “re-ligação” do homem ao Criador. Como se sabe, ao longo da história inúmeras propostas se apresentaram de como essa “re-ligação” deve ser entendida e efetuada, resultando daí as diversas “religiões”.

Afora divergências sobre a própria noção de Deus e da natureza do ser humano, as religiões se diferenciam quanto aos requisitos propostos para que a criatura se religue a Deus. Quase sempre, eles incluem a adequação da conduta a certas *regras morais*. Tipicamente, também incluem a satisfação de providências formais e externas de vária ordem: participação em

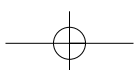
cultos, rituais, cerimônias; realização de determinados gestos; recitação de fórmulas e rezas; adoração de imagens e objetos diversos; promessas, penitências, jejuns, etc.

Ora, já se pode perceber aqui algumas distinções fundamentais entre o Espiritismo e as religiões ordinárias. Como elas, o Espiritismo também se preocupa com o destino do homem, na Terra e no além-túmulo, procurando instruí-lo quanto ao que deve fazer para que alcance estados de felicidade cada vez maior. No entanto, o Espiritismo propõe que esse objetivo pode ser alcançado *exclusivamente* pela adaptação da conduta a determinados preceitos morais. Qualquer medida de ordem exterior é mostrada ser não somente ineficaz, mas também, em muitos casos, nociva, por desviar a atenção do ponto principal e induzir ao sectarismo.

Depois, uma diferença crucial surge no modo pelo qual as regras éticas são *justificadas*. As religiões ordinárias procuram justificar as normas morais que propõem recorrendo à *autoridade* desse ou daquele indivíduo ou instituição. Já o Espiritismo fundamenta o corpo de seus princípios éticos – sintetizados no preceito cristão do amor ao próximo – *no conhecimento que cientificamente alcança das conseqüências das ações humanas ao longo da existência ilimitada dos seres, conjugado à cláusula teleológica de que todos almejam a felicidade*. Não há aqui lugar para dogmas e imposições, mas exclusivamente investigação livre e racional dos fatos. Aliás esse já era o modo pelo qual o Apóstolo Paulo entendia a moral, pois em sua primeira carta aos Coríntios (10:23) asseverou: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, porém nem todas edificam.”

Em diversas de suas obras, Kardec deu grande importância ao estabelecimento da moral espírita, abor-

¹Esta seção aproveita idéias e trechos de nossos artigos “Os fundamentos da ética espírita”, “A excelência metodológica do Espiritismo”, seção 5, e “A religião espírita” (o terceiro artigo da série “Questões acerca da natureza do Espiritismo”), que deverão ser consultados para um maior desenvolvimento do assunto.





dando o assunto em profundidade. Mostrou que, com o conhecimento científico espírita, a moral deixa de ser uma questão de especulações abstratas ou de opiniões, estando indissociavelmente ligada ao estudo dos efeitos naturais das ações humanas, em conexão com a busca da felicidade, objetivo comum de todos os seres humanos. Ressaltou ainda que o corpo de princípios morais obtidos por essa via da razão e da experiência coincide com aquele proposto por Jesus. Conforme registrou no parágrafo 56 do primeiro capítulo de *A Gênese*, o Espiritismo “[dá] por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza”.

Ora, na medida em que fornece ao homem conhecimento seguro das regras de conduta capazes de harmonizá-lo consigo mesmo e com os demais seres – e portanto, efetivamente, com o plano divino –, o Espiritismo torna-se “o mais potente auxiliar da religião”, conforme nota Kardec nos lúcidos comentários adidos às questões 147 e 148 de *O Livro dos Espíritos*. A religião aqui aludida não se confunde, evidentemente, com as doutrinas religiosas tradicionais, com suas hierarquias, dogmas inquestionáveis e práticas exteriores, sendo antes uma religião no sentido próprio do termo, explicado acima.

A velha questão de se o Espiritismo é ou não uma religião não admite, pois, resposta unívoca, dada a duplicidade semântica do termo ‘religião’. Esse ponto foi estudado em profundidade no artigo de Kardec intitulado justamente “Le Spiritisme est-il une religion?”, que apareceu na *Revue Spirite* de 1868². Para encerrar, vejamos estes parágrafos do famoso texto:

[...] o Espiritismo é, assim, uma religião? Sim, sem dúvida, senhores: No sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e disso nos honramos, pois que é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos não em uma simples convenção, mas sobre a mais sólida das bases: as próprias leis da Natureza.

Por que então declaramos que o Espiritismo não era uma religião? Pela razão de que há apenas uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, segundo a opinião geral, o termo *religião* é inseparável da noção de culto, evo-

cando unicamente uma idéia de forma, com o que o Espiritismo não guarda qualquer relação. Se se tivesse proclamado uma religião, o público nele não veria senão uma nova edição, ou uma variante, se quisermos, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios; não o distinguiria das idéias de misticismo e dos enganos contra os quais se está freqüentemente bem instruído.

Não apresentando nenhuma das características de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se de um título sobre cujo significado inevitavelmente haveria mal-entendidos. Eis porque ele se diz simplesmente uma doutrina filosófica e moral.

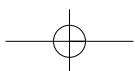
8. Conclusões

Inegavelmente, o Espiritismo é um empreendimento intelectual de ampla envergadura. Em diversas ocasiões Allan Kardec ressaltou o seu caráter abrangente, bem como a importância de considerá-lo em seu conjunto, quando se trata de avaliá-lo e de investigar suas implicações.

Como vimos, na primeira linha da segunda edição do *Livro dos Espíritos* Kardec caracterizou-o sucintamente como “filosofia espiritualista”. *Espiritualista*, porque estando centrado na constatação de que o homem é essencialmente, enquanto ser pensante, espírito, insere-se no âmbito das doutrinas que se contrapõem ao materialismo. *Filosofia*, porque investiga esse ser espiritual segundo uma abordagem racional, sistemática e abrangente, típica da tradição de pesquisa inaugurada pelos filósofos gregos, e que permeia toda a cultura ocidental até hoje. Nesse sentido original, a filosofia abarcava todos os ramos do saber puro. Mesmo aquilo que, a partir de uma certa época da história do pensamento, passou a ser chamado de *ciência* caía sob o escopo da filosofia.

Assim, a caracterização kardequiana em análise não deve ser tomada como excluindo a dimensão científica do Espiritismo, muito pelo contrário. Conforme deixou claro no desdobramento de suas pesquisas, Kardec compreendeu que tal dimensão não somente existia, mas que constituía mesmo a base sobre a qual a filosofia espírita repousa. Note-se, por exemplo, que no preâmbulo de *O que é o Espiritismo* Kardec o define como “uma *ciência* que trata da natureza, origem

²Dezembro, pp. 353-62. Note-se que se trata de um dos últimos números da *Revue* compostos por Kardec. O texto expressa, pois, o seu pensamento mais refletido sobre o assunto.





e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Quando bem compreendida, essa definição não conflita com a que está na página de rosto do *Livro dos Espíritos*. Apenas salienta que os fundamentos da filosofia espírita são científicos, e não puramente especulativos, ou derivados de alguma tradição mística, religiosa, ou qualquer outra. Foi a análise científica de certos fenômenos que deu origem ao Espiritismo, e estabeleceu desde então o núcleo teórico sobre o seu objeto de estudo, ou seja, o espírito.

No entanto, como essa análise conduz, por sua própria natureza, a tópicos extremamente abrangentes e fundamentais, no que diz respeito ao conhecimento do espírito, ela avança por domínios tipicamente considerados filosóficos, mesmo segundo a concepção contemporânea, mais restrita, de filosofia. O caso quicá mais importante dessa extensão é o da moral (ou ética). Kardec explorou com grande lucidez as implicações do conhecimento científico espírita para as questões-chave da moral, dentre as quais a da fundamentação das regras morais. Fez notar que o conhecimento científico acerca do homem propiciado pelo Espiritismo permite o estabelecimento de um corpo de princípios morais objetivos, e que ele coincide com aqueles propostos pelo Cristo. Salientou ainda que tais princípios sintetizam o que há de essencial na noção de religião. *Nesse sentido, e apenas nele*, o Espiritismo pode ser dito uma religião, adverte Kardec no famoso artigo da *Revue Spirite*.

Dessa forma, os chamados “três aspectos” (ou “partes”) do Espiritismo encontram-se inextricavelmente ligados. Talvez mesmo devêssemos evitar a utilização dessa expressão, porque pode induzir à idéia errônea de que se trata de três elementos separados ou separáveis, que agrupamos apenas por conveniência. É significativo, a esse respeito, que o próprio Kardec tenha evitado caracterizar o Espiritismo em tais termos. Quando tentou sintetizar a natureza do Espiritismo, recorreu ora à noção de filosofia, ora à de ciência, dependendo do contexto. Mas em ambos os casos indicou que não se tratava de uma delimitação muito estreita da noção.

Se pensarmos no Espiritismo em termos de filosofia, será uma filosofia apoiada em bases científicas, e que tem como um dos objetivos centrais o estudo das questões morais. Se pensarmos em termos de ciência,

não será uma pesquisa seca, que simplesmente constate e sistematize fatos, mas de uma investigação de longo alcance sobre um objeto de fundamental importância, o elemento espiritual. Essa ciência completa, pois, as ciências acadêmicas, cujo objeto de estudo é o elemento material. E, pela própria natureza de seu objeto de estudo, a ciência espírita necessariamente diz respeito a tópicos genuinamente filosóficos, dentre os quais ressalta, por sua importância prática, aqueles referentes à moral.

REFERÊNCIAS

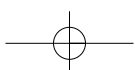
- Chibeni, S. S. “Os fundamentos da ética espírita”. *Reformador*, junho de 1985, pp. 166-9.
- _____. “A excelência metodológica do Espiritismo”. *Reformador*, novembro de 1988, pp. 328-333, e dezembro de 1988, pp. 373-378.
- _____. “A religião espírita”. *Reformador*, setembro de 1999, pp. 280-282. (Questões sobre a natureza do Espiritismo – III.)
- Kardec, A. *Le Livre des Esprits*. Reprodução fotomecânica da 1ª ed. francesa. 1ª ed, bilíngüe, trad. e ed. Canuto Abreu. São Paulo, Companhia Editora Ismael, 1957.
- _____. *Livre des Esprits*. Reprodução fotomecânica da 2ª ed. francesa, com adendos do Autor. 1ª ed., Rio, Federação Espírita Brasileira, 1998.
- _____. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 43ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- _____. *Revue Spirite*. Coleção da Federação Espírita do Paraná.
- _____. *Qu'est-ce que le Spiritisme*. Paris, Dervy-Livres, 1975.
- _____. *O que é o Espiritismo*. (s. trad.) 25ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d.
- _____. *La Genèse, les Miracles et les Prédications selon le Spiritisme*. Paris, La Diffusion Scientifique, s.d.
- _____. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro, 23ª ed., Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s.d. ■

Conheça o

ESPIRITISMO,

UMA NOVA ERA

PARA A HUMANIDADE



SEARA ESPÍRITA

R. G. do Sul: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul realizará, de 1º a 2 de novembro próximo, no Centro de Eventos do Plaza São Rafael, o 4º Congresso Estadual Espírita, com o tema *Ciência à luz da espiritualidade*. Informações e inscrições: Livraria e Editora Francisco Spinelli – Av. Desembargador André da Rocha, 49, Porto Alegre (RS) – Fone (51) 3224-1443; e-mail: secretaria@fergs.com.br

Rio de Janeiro: Eventos da FEERJ

A Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, que comemorou, em sessão solene, no período de 26 a 28 de junho, os 96 anos de sua fundação, com palestras de Suely Caldas Schubert, programou dois eventos para os meses de setembro e outubro: o III Simpósio Fluminense do Serviço da Assistência e Promoção Social Espírita, no dia 28 de setembro, realizado no Grupo Espírita da Fé, Niterói, com vários temas atinentes ao SAPSE; Semana Humberto de Campos, em sua sede, no período de 23 a 30 de outubro, quando serão focalizadas algumas obras ditadas ao médium Francisco Cândido Xavier por Humberto de Campos (Espírito) e Irmão X. Todos esses eventos integram o calendário do Conselho de Unificação, formado pela FEERJ e pela USEERJ (União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro).

Acre: Encontro da Família

A Federação Espírita do Estado do Acre realizou, de 22 a 24 de agosto, o VII Encontro da Família, com o tema central *Credores no Lar*, desdobrado em sete subtemas, que foram abordados em um Ciclo de Palestras.

Bolívia: Encontro Espírita

A Federação Espírita Boliviana (FEBOL) promoveu na cidade de Tarija, de 1º a 3 de agosto, o 3º Encontro Espírita Boliviano, que contou com a presença de uma centena de espiritistas de seis Centros Espíritas das cidades de Tarija, La Paz, Santa Cruz e Cochabamba. Participaram do Encontro o conferencista brasileiro Divaldo Pereira Franco e Juan Antonio Durante, da Argentina, representante do Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional. Divaldo realizou

duas conferências e dois painéis, e Juan Antonio Durante apresentou um painel sobre o Conselho Espírita Internacional (CEI).

Espanha: Encontro sobre Medicina e Espiritualidade

A Federação Espírita Espanhola é a organizadora do 1º Encontro sobre Medicina e Espiritualidade na Europa, sob a Coordenação Geral da Associação Médico-Espírita Internacional (AMEI) e o apoio da Coordenadoria Europa do Conselho Espírita Internacional. O evento ocorrerá em Barcelona, nos dias 1º e 2 de novembro de 2003, com o tema *Pode o Espiritismo contribuir em algo para a Crise Ética da Ciência?* Participarão os seguintes expositores do Brasil: Dra. Marlene Rossi Severino Nobre (Presidente da AMEI), Dra. Kátia Marabuco, Dr. Décio Iandoli Jr. e Dr. Sérgio Felipe de Oliveira.

Santo André (SP): Semana Espírita

A U.S.E. Municipal de Santo André promove, de 19 a 26 de outubro corrente, no Parque Regional Prefeito Celso Daniel (antigo Duque de Caxias), sua 52ª Semana Espírita, com o tema central *O Espiritismo como agente de transformação moral da Humanidade*, desdobrado em vários subtemas, que serão desenvolvidos pelos expositores: José Medrado (BA), João Lourenço Chinaglia Navajas (SP), José Carlos de Lucca (SP), Eugenivaldo da Silva Fort (SP), Richard Simonetti (SP), Ricardo Di Bernardi (SC) e Ana Geysy Guimarães (RJ).

Casa Transitória: Encontro e Feira do Livro Espírita

Nos dias 4 e 5 de corrente mês, a Casa Transitória Fabiano de Cristo, instituição vinculada à Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), realiza sua I FELESP – Feira do Livro Espírita – paralelamente ao I ENCOESP – Encontro Espírita –, que terá como tema central *O Ser e o Tempo. O Espírito e a Eternidade*, abordado através de vários subtemas pelos expositores: Avildo Fioravanti, Nancy Puhlman di Girolamo, Heloisa Pires, Miltes Aparecida S. C. Bonna, Therezinha de Oliveira e Astrid Sayegh.